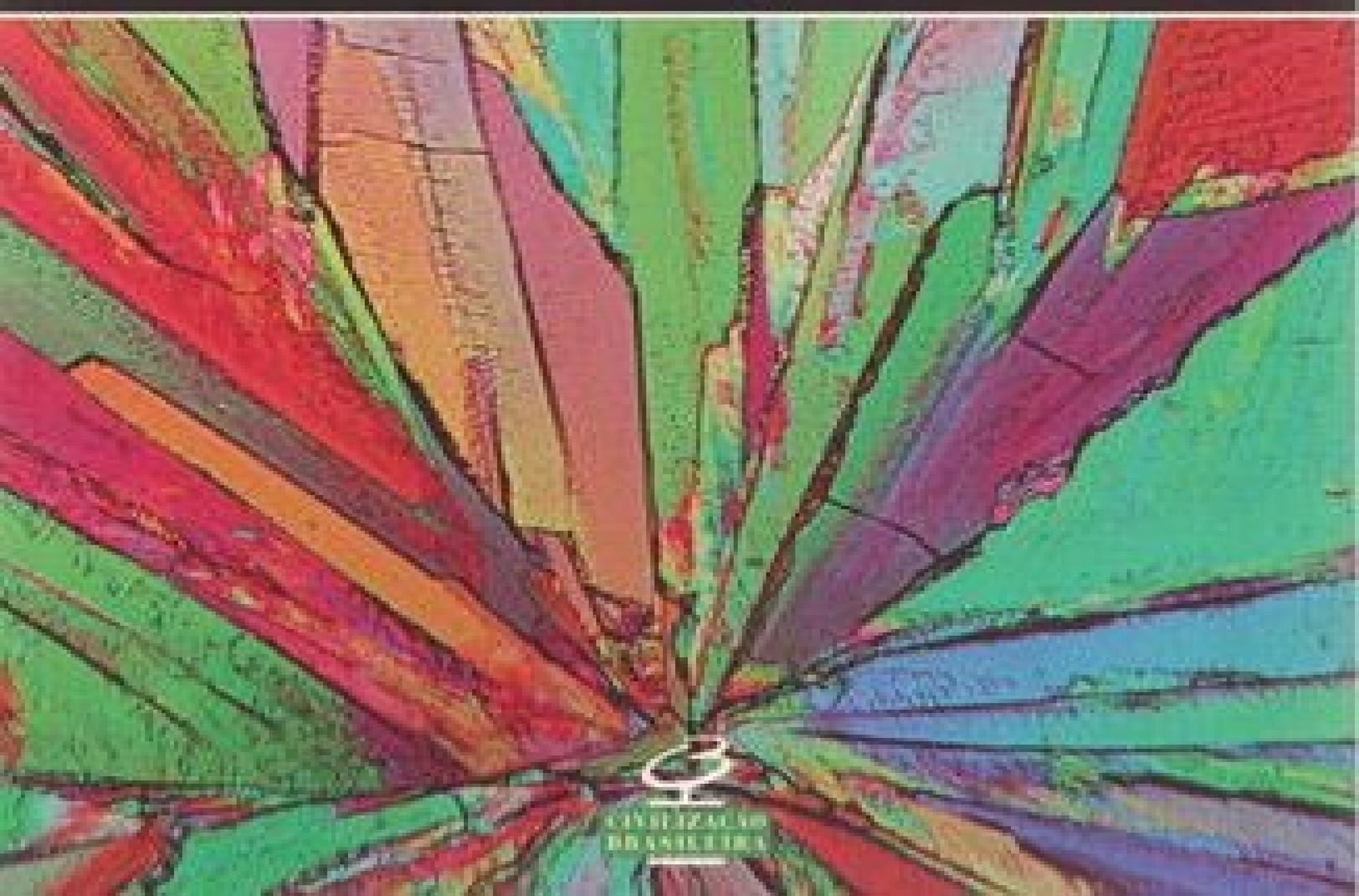


JULIO CORTÁZAR

Histórias de cronópios e de famas



COMPANHIA BRASILEIRA DE EDITORAÇÃO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



## **Histórias de cronópios e de famas**

**JÚLIO CORTÁZAR**

<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

### **Nota da tradutora**

Histórias de cronópios e de famas, o sexto livro de Júlio Cortázar, foi escrito em Roma e em Paris, no período de 1952 a 1959, e publicado em 1962, um ano antes de O jogo da amarelinha. A Encyclopédie Universalis (Paris, 1970), que dedica mais de uma página a Cortázar, dando assim uma medida do prestígio internacional do escritor argentino, qualifica o livro como "desconcertante". E

acrescenta: "Sobre um fundo de caricatura da vida em Buenos Aires, é uma seleção variada, insólita, de notas, de fantasias e de improvisações. Um humor melancólico, irônico ou violento, cheio de uma curiosa poesia, ali se desdobra num estilo carregado de

imagens intensas e de achados verbais e psicológicos." O título é o mesmo no original em espanhol. A chave de que se necessita para penetrá-lo é universal. Que são cronópios? Que são famas? O leitor irá

descobrir por si mesmo, à medida que entra no fundo fantástico desvendado pelo autor; e nisto achará um prazer que se renova a cada instante. Mas não será

nenhum desmancha-prazeres adiantar alguns dados rápidos sobre as origens e o temperamento dessas fascinantes criaturas.

O próprio autor, uma noite em Paris, num concerto, assim descreveu os seus personagens: "Eram tão estranhos que eu não conseguia vê-los claramente, uma espécie de micróbios flutuando no ar, uns glóbulos verdes que pouco a pouco iam tomando características humanas." A força dos cronópios é a poesia. Eles cantam, como as cigarras, indiferentes ao prosaísmo do cotidiano; e quando cantam, esquecem tudo, são atropelados, perdem o que levam nos bolsos e até a conta dos dias.

Os famas são seres acomodados, prudentes, dados ao cálculo, e embalsamam suas recordações. Se a família vai se hospedar num hotel, mandam um na frente para verificar os preços e a cor dos lençóis. Os famas sabem tudo da vida prática, mas os cronópios sentem por eles uma compaixão infinita. Além dos cronópios e famas, há também as esperanças. "As esperanças, sedentárias — escreve Cortázar —, deixam-se viajar pelas coisas e pelos homens, e são como as estátuas, que é preciso ir vê-las, porque elas não vêm até nós." Os famas dançam trégua e dançam catala, danças essas inventadas pelo seu criador e não se encontram em nenhum folclore argentino ou latino-americano. Os cronópios e as esperanças conhecem outra dança, chamada espera. Mas nem só das histórias desses seres, que dão o título, se compõe o livro. No "sortimento" de que fala o sumário se incluem um manual de instruções, uma seqüência de "ocupações estranhas" e outra que traz o título de

"Matéria plástica". As instruções versam sobre como chorar ou cantar, sobre a forma de ter medo, ou como entender quadros famosos e como matar formigas em Roma —

pequenos prodígios de invenção em que a aparência da lógica, fixada nos detalhes, quase se transforma e se impõe como uma nova realidade. A família da rua Humboldt, em Buenos Aires, entra no capítulo das ocupações estranhas. É uma família unida que trabalha unida em fabulosas tarefas, tais como: construir um patíbulo no jardim em frente da casa; assumir o comando de uma agência de correio e oferecer balões coloridos como brindes aos compradores de selos; desalojar do controle do velório a assombrada família do defunto, tomando o lugar dela; fazer tigres pousarem na mesa, como pratos, operação que assusta pelo perigo, mas sempre dá certo

O outro capítulo esclarece, por exemplo, sobre a maravilhosa aventura de cortar uma pata de aranha e mandá-la pelo correio ao ministro do Exterior; sobre a conduta dos espelhos na ilha da Páscoa; sobre a extraordinária eleição do comitê da OCLUSIOM onde todos os eleitos chamavam-se Félix; ou sobre a grande tristeza do camelo Guk, declarado indesejável, que volta para morrer no oásis... Para que servem essas histórias? Será difícil defini-las com um propósito utilitário. A elas se aplica o que diz o autor numa caracterização dos seus personagens da rua Humboldt: "Neste país onde as coisas se fazem por obrigação ou por fanfarronada, gostamos das ocupações livres, das tarefas sem importância, dos simulacros que de nada adiantam."

Na obra de Júlio Cortázar, as Histórias de cronópios e de famas não se situam como uma ilha à parte. Ao contrário, elas são muito elucidativas de uma visão característica do autor, que aqui escolhe a arma do humor e o caminho do fantástico para denunciar um mundo onde o sentido do humano se perdeu. GLORIA RODRÍGUEZ

## **Sumário**

Este livro contém o seguinte sortimento:

**Manual de instruções**

**Estranhas ocupações**

**Matéria plástica**

**Histórias de cronópios e de famas**

**Manual**

**de**

**Instruções**

A tarefa de amolecer diariamente o tijolo, a tarefa de abrir caminho na massa pegajosa que se proclama mundo, esbarrar cada manhã com o paralelepípedo de nome repugnante, com a satisfação canina de que tudo esteja em seu lugar, a mesma mulher ao lado, os mesmos sapatos e o mesmo sabor da mesma pasta de dentes, a mesma tristeza das casas em frente, do sujo tabuleiro de janelas de tempo com seu letreiro HOTEL DE BELGIQUE.

Enfiar a cabeça como um touro apático contra a massa transparente em cujo centro bebemos café com leite e abrimos o jornal para saber o que aconteceu em qualquer dos cantos do tijolo de cristal. Resistir a que o ato delicado de girar a maçaneta, esse ato pelo qual tudo poderia se transformar, possa cumprir-se com a fria eficácia de um reflexo cotidiano. Até logo, querida. Passe bem. Apertar uma colherinha entre os dedos e sentir seu latejar metálico, sua advertência suspeita. Como custa negar uma colherinha, negar uma porta, negar tudo o que o hábito lambe até dar-lhe uma suavidade satisfatória. Quando mais simples é aceitar a fácil solicitação da colher, usá-la para mexer o café. E não é mau que as coisas nos encontrem outra vez todo dia e sejam as mesmas. Que a nosso lado esteja a mesma mulher, o mesmo relógio e que o romance aberto

em cima da mesa comece a andar outra vez na bicicleta de nossos óculos, por que haveria de ser mau? Mas como um touro triste é preciso baixar a cabeça, do centro do tijolo de cristal empurrar para fora, em direção ao outro tão perto de nós, inacessível como o toureiro tão perto do touro. Castigar os olhos fitando isso que anda no céu e aceita astuciosamente seu nome de nuvem, sua resposta catalogada na memória. Não pense que o telefone vai lhe dar os números que procura. Por que haveria de dá-los? Virá somente o que você tem preparado e resolvido, o triste reflexo de sua esperança, esse macaco que se coça em cima de uma mesa e treme de frio. Quebre a cabeça desse macaco, corra do centro em direção à parede e abra caminho. Oh, como cantam no andar de cima! Há um andar de cima nesta casa, com outras pessoas. Há um andar de cima onde moram pessoas que não percebem seu andar de baixo, e estamos todos dentro do tijolo de cristal. E se, de repente, uma traça pára pertinho de um lápis e palpita como um fogo cinzento, olhe-a, eu a estou olhando, estou apalpando seu coração pequenino, e ouço-a: essa traça ressoa na pasta de cristal congelado, nem tudo está perdido. Quando abrir a porta e assomar à escada, saberei que lá embaixo começa a rua; não a norma já aceita, não as casas já conhecidas, não o hotel em frente; a rua, a floresta viva onde cada instante pode jogar-se em cima de mim como uma magnólia, onde os rostos vão nascer quando eu os olhar, quando avançar mais um pouco, quando me arrebentar todo com os cotovelos e as pestanas e as unhas contra a pasta do tijolo de cristal, e arriscar minha vida enquanto avanço passo a passo para ir comprar o jornal na esquina.

### **Instruções para chorar**

Deixando de lado os motivos, atenhamo-nos à maneira correta de chorar, entendendo por isto um choro que não penetre no escândalo, que não insulte o sorriso com sua semelhança desajeitada e paralela. O choro médio ou comum consiste numa contração geral do rosto e um som espasmódico acompanhado de lágrimas e muco, este no fim, pois o choro acaba no momento em que a gente se assoa energicamente.

\* \* \*

Para chorar, dirija a imaginação a você mesmo, e se isto lhe for impossível por ter adquirido o hábito de acreditar no mundo exterior, pense num pato coberto de formigas ou nesses golfos do estreito de Magalhães nos quais não entra ninguém, nunca.

Quando o choro chegar, você cobrirá o rosto com delicadeza, usando ambas as mãos com a palma para dentro. As crianças chorarão esfregando a manga do casaco na cara, e de preferência num canto do quarto. Duração média do choro, três minutos.

### **Instruções para cantar**

Comece por quebrar os espelhos de sua casa, deixe cair os braços, olhe vagamente a parede, esqueça. Cante uma nota só, escute por dentro. Se ouvir (mas isto acontecerá muito depois) algo como uma paisagem afundada no medo, com fogueiras entre as pedras, com silhuetas seminuas de cócoras, acho que estará bem encaminhado, e do mesmo modo se ouvir um rio por onde descem barcos pintados de amarelo e preto, se ouvir um gosto de pão, um tato de dedos, uma sombra de cavalo.

Depois compre cadernos de solfejo e uma casaca, e por favor não cante pelo nariz e deixe Schumann em paz.

### **Instruções-exemplos sobre a forma de sentir**

#### **medo**

Numa aldeia da Escócia vendem-se livros com uma página em branco perdida em algum lugar do volume. Se o leitor desembocar nessa página ao soarem as três da tarde, morre.

Na praça do Quirinal, em Roma, há um lugar conhecido pelos iniciados até

o século XIX e do qual, em noites de lua cheia, vêm-se mexer lentamente as estátuas dos Dióscuros que lutam com seus cavalos empinados. Em Amalfi, no fim da zona costeira, há um dique que penetra pelo mar e pela noite. Ouve-se um cão latir para além do último farol. Um senhor está pondo pasta de dentes na escova. De repente, vê, deitada de costas, uma diminuta imagem de mulher, feita de coral ou talvez de miolo de pão pintado.

Ao abrir o armário para apanhar uma camisa, cai um antigo calendário que se desmancha, se desfolha, cobre a roupa branca com milhares de sujas traças de papel.

Sabe-se de um caixeiro-viajante que começou a sentir dor no pulso esquerdo, justo debaixo do relógio de pulso. Ao arrancar o relógio, o sangue jorrou: a ferida mostrava os sinais de uns dentes muito finos.

O médico acaba de nos examinar e nos tranqüiliza. Sua voz grave e cordial precede os remédios, cuja receita ele escreve agora sentado à mesa. De vez em quando levanta a cabeça e sorri, animando-nos. Não é nada demais e daqui a uma semana estaremos passando bem. Nos refestelamos no sofá, felizes, e olhamos distraidamente em volta. De repente, na penumbra debaixo da mesa, vemos as pernas do médico. Ele arregaçou as calças até as coxas e veste meias de mulher.

## **Instruções para entender três quadros famosos**

### **O amor sagrado e o amor profano de ticiano**

Este quadro detestável representa um velório à beira do Jordão. Poucas vezes a inabilidade de um pintor pôde expressar com mais objeção as esperanças do mundo num Messias que brilha pela ausência; ausente do quadro que é o mundo, brilha horrivelmente no bocejo imoral do sarcófago de mármore, enquanto o anjo encarregado de anunciar a ressurreição de sua carne patibular espera inexorável que se cumpram as profecias. Não será necessário

explicar que o anjo é a figura nua, que se prostitui em sua gordura maravilhosa e que se disfarçou de Madalena; escárnio dos escárnios, à hora em que a verdadeira Madalena avança pelo caminho (onde em compensação cresce a venenosa blasfêmia de dois coelhos). O menino que mete a mão no sarcófago é Lutero, ou seja, o diabo. Da figura vestida se disse que representa a Glória no momento de anunciar que todas as ambições humanas cabem numa bacia; mas está mal pintada e faz pensar num artifício de jasmims ou num relâmpago de maisena.

## **A dama do unicórnio**

de RAFAEL

Saint-Simon pensou ver nesse retrato uma confissão herética. O unicórnio, o cachalote, a pérola obscena do medalhão que pretende ser uma péra, e o olhar de Madalena Strozzi fixa terrivelmente um ponto onde haveria açoitamentos ou posições lascivas: Rafael Sanzio mentiu aqui sua mais terrível verdade. A intensa cor verde do rosto do personagem foi atribuída durante muito tempo à gangrena ou ao solstício da primavera. O unicórnio, animal fálico, o teria contaminado: em seu corpo dormem os pecados do mundo. Depois percebeu-se que seria bastante levantar as falsas camadas de pintura colocadas por três encarniçados inimigos de Rafael: Carlos Hog, Vicente Grosjean, chamado Mármore, e Rubens, o Velho. A primeira camada era verde, a segunda verde, a terceira branca. Não é difícil perceber aqui o tríplice símbolo de falena letal que une a seu corpo cadavérico as asas que a confundem com as pétalas da rosa. Quantas vezes Madalena Strozzi cortou uma rosa branca e a sentiu gemer entre seus dedos, retorcer-se e gemer debilmente como uma pequena mandrágora ou um desses lagartos que cantam como as líras quando se lhes mostra um espelho. E já era tarde e a falena a teria mordido: Rafael percebeu e sentiu-a morrer. Para pintá-la com veracidade acrescentou o unicórnio, símbolo de castidade, cordeiro e cachalote ao mesmo tempo, que bebe na mão de uma virgem. Mas ele pintava a falena em sua imagem, e esse unicórnio mata sua

dona, penetra em seu seio majestoso com o chifre lavrado de lascívia, repete a operação de todos os princípios. O que esta mulher sustenta nas mãos é a taça misteriosa da qual andamos bebendo sem saber, a sede que matamos através de outras bocas, o vinho vermelho e leitoso de onde saem as estrelas, os vermes e as estações ferroviárias.

## **Retrato de Henrique VIII da Inglaterra de holbein**

Pretendeu-se ver nesse quadro uma caçada de elefantes, um mapa da Rússia, a constelação da Lira, o retrato de um papa disfarçado de Henrique VIII, um temporal no mar dos Sargaços ou esse pólipó dourado que cresce nas latitudes de Java e que, sob a influência do limão, espirra ligeiramente e perece com um pequeno sopro.

Cada uma dessas interpretações é exata em relação à configuração geral do quadro, tanto se o observarmos na ordem em que está dependurado, como de cabeça para baixo ou de lado. As diferenças são redutíveis a detalhes; resta o centro que é OURO, o número SETE, a OSTRÁ visível nas partes chapéu-corda, com a PÉROLA-cabeça (centro do qual irradiam as pérolas do traje ou país central) e o GRITO geral absolutamente verde que brota do conjunto.

Faça-se a simples experiência de viajar até Roma e encostar a mão no coração do rei, e compreender-se-á a gênese do mar. Menos difícil ainda é

aproximar-lhe uma vela acesa à altura dos olhos; então, se perceberá que aquilo não é um rosto e que a lua, enceguecida de simultaneidade, corre por um fundo de rodinhas e almofadas transparentes, decapitada na lembrança das hagiografias. Não erra quem vê nessa petrificação tempestuosa um combate de leopardos. Mas há

também lentas adagas de marfim, pajens que se consomem de tédio em longas galerias e um diálogo sinuoso entre a lepra e as alabardas. O reino do homem é uma página de história, mas ele não

sabe e brinca displicentemente com luvas e pequenos cervos. Este homem que está olhando você volta do inferno; afaste-se do quadro e o verá sorrir pouco a pouco, porque ele é oco, está recheado de ar, umas mãos secas o sustentam por trás, como uma figura do baralho quando começa a se erguer o castelo e tudo treme. E seu ensinamento é este: "Não há terceira dimensão, a terra é plana, o homem rasteja. Aleluia!" Talvez seja o diabo quem diz essas coisas, e talvez você acredite nelas porque quem as diz é um rei.

### **Instruções para matar formigas em Roma**

As formigas vão comer Roma, já se disse. Elas andam entre as lajes; loba, que fio de pedras preciosas secciona sua garganta? Por algum lado saem as águas das fontes, as lousas vivas, os trêmulos camafeus que no meio da noite criticam a história, as dinastias e as comemorações. Seria preciso achar o coração que faz latejar as fontes para preveni-lo das formigas e organizar nesta cidade de sangue intumescido, de cornucópias eriçadas como mãos de cegos, um rito de salvação para que o futuro lixe os dentes nos montes, se arraste manso e sem força, totalmente sem formigas.

Primeiro procuraremos a orientação das fontes, o que é fácil porque nos mapas coloridos, nas plantas monumentais, as fontes também têm abastecedores e cascatas de cor azul-celeste; só que é preciso procurá-las muito e envolvê-las num recinto de lápis azul, não vermelho, pois um bom mapa de Roma é vermelho como Roma. Por cima do vermelho de Roma o lápis azul marcará um recinto roxo em torno de cada fonte, e agora temos certeza de que as pegamos todas e conhecemos a folhagem das águas.

Mais difícil, mais obscuro e sigiloso é o mister de perfurar a pedra opaca sob a qual serpenteiam as veias de mercúrio, compreender à força de paciência a cifra de cada fonte, montar nas noites de lua penetrante uma guarda apaixonada junto dos vasos imperiais, até que de tanto sussurro verde, de tanto borbulhar de flores, comecem a nascer os caminhos, as confluências, as outras ruas, as esquinas.

E sem dormir segui-las com varas de avelã em forma de forquilha, de triângulo, com duas varinhas em cada mão, com uma só agarrada entre os dedos fracos, mas tudo isso invisível à polícia e à população amavelmente temerosa, andar pelo Quirinal, subir ao Campidoglio, correr aos gritos pelo Pincio, aterrorizar com uma aparição imóvel como um metais do solo a nomenclatura dos rios subterrâneos. E

não pedir ajuda a ninguém, nunca.

Depois se irá percebendo como nessa mão de mármore esfolado as veias correm em harmonia, por prazer de águas, por artifício de jogo, até se aproximar pouco a pouco, confluir, enlaçar-se, transformar-se em artérias, derramar-se duras na praça central onde palpitam o tambor de vidro líquido, a raiz das copas pálidas, o cavalo profundo. E logo saberemos onde está, em que fundo de abóbadas calcárias, entre miúdos esqueletos de lêmures, bate seu tempo o coração da água. Será difícil saber, mas se saberá. Então mataremos as formigas que cobiçam as fontes, calcinaremos as galerias que esses mineiros horríveis tecem para aproximar-se da vida secreta de Roma. Mataremos as formigas só em chegar antes à

fonte central. E partiremos num trem noturno, fugindo a tubarões vingadores, sentindo-nos obscuramente felizes, misturados a soldados e freiras.

### **Instruções para subir uma escada**

Ninguém terá deixado de observar que freqüentemente o chão se dobra de tal maneira que uma parte sobe em ângulo reto com o plano do chão, e logo a parte seguinte se coloca paralela a esse plano, para dar passagem a uma nova perpendicular, comportamento que se repete em espiral ou em linha quebrada até

alturas extremamente variáveis. Abaixando-se e pondo a mão esquerda numa das partes verticais, e a direita na horizontal correspondente, fica-se na posse momentânea de um degrau ou

escalão. Cada um desses degraus, formados, como se vê, por dois elementos, situa-se um pouco mais acima e mais adiante do anterior, princípio que dá sentido à escada, já que qualquer outra combinação produziria formas talvez mais bonitas ou pitorescas, mas incapazes de transportar as pessoas do térreo ao primeiro andar.

As escadas se sobem de frente, pois de costas ou de lado tornam-se particularmente incômodas. A atitude natural consiste em manter-se em pé, os braços dependurados sem esforço, a cabeça erguida, embora não tanto que os olhos deixem de ver os degraus imediatamente superiores ao que se está pisando, a respiração lenta e regular. Para subir uma escada começa-se por levantar aquela parte do corpo situada em baixo à direita, quase sempre envolvida em couro ou camurça e que salvo algumas exceções cabe exatamente no degrau. Colocando no primeiro degrau essa parte, que para simplificar chamaremos pé, recolhe-se a parte correspondente do lado esquerdo (também chamada pé, mas que não se deve confundir com o pé já mencionado), e levando-a à altura do pé faz-se que ela continue até colocá-la no segundo degrau, com o que neste descansará o pé, e no primeiro descansará o pé. (Os primeiros degraus são os mais difíceis, até se adquirir a coordenação necessária. A coincidência de nomes entre o pé e o pé torna difícil a explicação. Deve-se ter um cuidado especial em não levantar ao mesmo tempo o pé

e o pé. )

Chegando dessa maneira ao segundo degrau, será suficiente repetir alternadamente os movimentos até chegar ao fim da escada. Pode-se sair dela com facilidade, com um ligeiro golpe de calcanhar que a fixa em seu lugar, do qual não se moverá até o momento da descida.

### **Preâmbulo às instruções para dar corda no relógio**

Pense nisto: quando dão a você de presente um relógio estão dando um pequeno inferno enfeitado, uma corrente de rosas, um calabouço de ar. Não dão somente o relógio, muitas felicidades e esperamos que dure porque é de boa marca, suíço com âncora de rubis; não dão de presente somente esse miúdo quebra-pedras que você atará ao pulso e levará a passear. Dão a você — eles não sabem, o terrível é que não sabem — dão a você um novo pedaço frágil e precário de você mesmo, algo que lhe pertence mas não é seu corpo, que deve ser atado a seu corpo com sua correia como um bracinho desesperado pendurado a seu pulso. Dão a necessidade de dar corda todos os dias, a obrigação de dar-lhe corda para que continue sendo um relógio; dão a obsessão de olhar a hora certa nas vitrines das joalherias, na notícia do rádio, no serviço telefônico. Dão o medo de perdê-lo, de que seja roubado, de que possa cair no chão e se quebrar. Dão sua marca e a certeza de que é uma marca melhor do que as outras, dão o costume de comparar seu relógio aos outros relógios. Não dão um relógio, o presente é você, é a você que oferecem para o aniversário do relógio.

### **Instruções para dar corda no relógio**

Lá no fundo está a morte, mas não tenha medo. Segure o relógio com uma mão, pegue com dois dedos o pino da corda, puxe-o suavemente. Agora se abre outro prazo, as árvores soltam suas folhas, os barcos correm regata, o tempo como um leque vai se enchendo de si mesmo e dele brotam o ar, as brisas da terra, a sombra de uma mulher, o perfume do pão.

Que mais quer, que mais quer? Amarre-o depressa a seu pulso, deixe-o bater em liberdade, imite-o anelante. O medo enferruja as âncoras, cada coisa que pôde ser alcançada e foi esquecida começa a corroer as veias do relógio, gangrenando o frio sangue de seus pequenos rubis. E lá no fundo está a morte se não correremos, e chegamos antes e compreendemos que já não tem importância.

### **ESTRANHAS OCUPAÇÕES**

## Simulacros

Somos uma família estranha. Neste país onde as coisas se fazem por obrigação ou fanfarronada, gostamos das ocupações livres, das tarefas sem importância, dos simulacros que de nada adiantam.

Temos um defeito: a falta de originalidade. Quase tudo o que resolvemos fazer foi inspirado — digamos francamente, copiado — de modelos célebres. Se contribuímos com alguma novidade é sempre inevitável: os anacronismos ou as surpresas, os escândalos. Meu tio mais velho diz que nós somos como as cópias de papel carbono, idênticas ao original, a não ser que de outra cor, outro papel, outra finalidade. Minha terceira irmã se compara ao rouxinol mecânico de Andersen; seu romantismo dá náuseas.

Somos muitos e moramos na rua Humboldt.

Fazemos coisas, mas contar é difícil porque falta o mais importante, a ansiedade e a expectativa de estar fazendo coisas, as surpresas tão mais importantes que os resultados, os fracassos em que toda família cai no chão feito um castelo de cartas e durante dias e dias não se escuta mais do que lamentações e gargalhadas. Contar o que fazemos é apenas uma forma de preencher os vazios inevitáveis, porque às vezes estamos pobres ou presos ou doentes, às vezes morre alguém ou (custa dizê-lo) alguém trai, renuncia, ou entra para a Direção do Imposto de Renda. Mas disto não se deve deduzir que vamos mal ou que somos melancólicos. Moramos no bairro de Pacífico e fazemos as coisas toda vez que podemos. Somos muitos a ter idéias e vontade de levá-las à prática.. Por exemplo o patíbulo, até hoje ninguém chegou a acordo sobre a origem da idéia, minha quinta irmã afirma que foi um de meus

primos irmãos que são muito filósofos, mas meu tio mais velho sustenta que lhe ocorreu depois de ler um romance de capa e espada. No fundo pouco nos importa, o negócio é fazer as coisas, e por isso eu as conto quase sem vontade, só

para não sentir tão de perto a chuva desta tarde vazia, A casa tem um jardim na frente, coisa rara na rua Humboldt. Não é maior que um pátio, mas fica três degraus acima da calçada, o que lhe dá um vistoso aspecto de plataforma, localização ideal para um patíbulo. Como o muro é de alvenaria com grade de ferro, pode-se trabalhar sem que os transeuntes estejam por assim dizer metidos dentro da casa: eles podem se encostar no muro e assim permanecer durante horas, que isso não nos incomoda. "Começaremos na lua cheia", disse meu pai. Durante o dia íamos pegar madeiras e ferros nos depósitos de demolições da avenida Juan B. Justo, mas minhas irmãs ficavam na sala treinando o uivar dos lobos, depois que minha tia mais moça garantiu que os patíbulos atraem os lobos e os incitam a uivar para a lua. O suprimento de pregos e ferramentas corria por conta de meus primos; meu tio mais velho desenhava os planos, discutia com minha mãe e meu segundo tio a variedade e a qualidade dos instrumentos de suplício. Lembro-me do fim da discussão: decidiram-se severamente por uma plataforma bastante alta, sobre a qual levantariam uma forca e uma roda com um espaço livre destinado a torturar ou decapitar, conforme o caso. Meu tio mais velho achava isto muito mais pobre e mesquinho do que sua idéia original, mas as dimensões do jardim da frente e o custo dos materiais sempre limitam as ambições da família.

Começamos a construção num domingo à tarde, depois de comer raviólis. Embora nunca nos haja preocupado o que possam pensar os vizinhos, era evidente que alguns curiosos supunham que íamos construir um ou dois quartos para aumentar a casa. O primeiro a surpreender-se foi Dom Cresta, o velhinho de defronte, que veio perguntar para que instalávamos semelhante plataforma. Minhas irmãs se reuniram num canto do jardim e soltaram alguns uivos de lobo. Juntou bastante gente, mas nós continuamos trabalhando até a noite, conseguindo acabar a plataforma e as duas escadinhas (uma para o sacerdote e outra para o condenado, que não devem subir juntos). Na segunda-feira, parte da família foi para seus respectivos empregos e ocupações, já que é preciso morrer de alguma coisa, e o restante começou a levantar a forca, enquanto

meu tio mais velho consultava antigos desenhos para a roda. Sua idéia consistia em colocar a roda o mais alto possível sobre uma base ligeiramente irregular, por exemplo, um tronco de álamo bem desbastado. Para lhe ser agradável, meu segundo irmão e meus primos foram buscar um álamo na camioneta; enquanto isso, meu tio mais velho e minha mãe encaixavam os raios da roda no cubo e eu preparava um reforço de ferro. Nesses momentos nós nos divertíamos enormemente porque de toda parte se ouviam as pancadas do martelo, minhas irmãs uivavam na sala, os vizinhos se amontoavam na grade trocando impressões, e entre o solferino e o malva do entardecer surgia o perfil da força e via-se meu tio mais moço, a cavalo, fixando no travessão o gancho e preparando o nó corrediço.

A essa altura dos acontecimentos as pessoas da rua não podiam deixar de perceber o que estávamos fazendo, e um coro de protestos e ameaças nos estimulou agradavelmente a encerrar a jornada com a montagem da roda. Vários atrevidos pretenderam impedir que meu segundo irmão e meus primos pusessem para dentro de casa o magnífico tronco de álamo que traziam na camioneta. Foi feito um esforço tremendo pela família toda que, puxando disciplinadamente o tronco, introduziu-o no jardim juntamente com uma criancinha agarrada às raízes. Meu pai em pessoa devolveu a criança a seus exasperados pais, passando-a cortesmente pela grade, e enquanto a atenção se concentrava nestas alternativas sentimentais, meu tio mais velho, ajudado por meus primos irmãos, calçava a roda no extremo do tronco e começava a levantá-la. A polícia chegou no momento em que a família, reunida na plataforma, comentava favoravelmente o bom aspecto do patíbulo. Só minha terceira irmã ficava junto à porta, e a ela é que coube dialogar pessoalmente com o subcomissário; não foi difícil convencê-lo de que estávamos trabalhando dentro de nossa propriedade, numa obra a que só o uso poderia conferir um caráter inconstitucional, e que os comentários da vizinhança eram produto do ódio e fruto da inveja. A queda da noite nos salvou de perder mais tempo.

Jantamos à luz de um lampião a querosene na plataforma, espionados por uma centena de vizinhos rancorosos; nunca o leitão temperado nos pareceu mais delicioso e mais negra e doce a morcela. Uma brisa do norte balançava suavemente a corda da forca; a roda rangeu uma ou duas vezes, como se já os urubus tivessem pousado nela para comer. Os curiosos começaram a ir embora, resmungando vagas ameaças, ficaram umas vinte ou trinta pessoas coladas à grade, parecendo esperar por alguma coisa. Depois do café apagamos o lampião para dar vez à lua que subia pelas balaustradas no terraço; minhas irmãs uivaram e meus primos e tios percorreram lentamente a plataforma, fazendo com seus passos tremer os alicerces. No silêncio que se seguiu, a lua ficou à altura do nó corrediço, e na roda pareceu estender-se uma nuvem de bordas prateadas. Nós olhávamos contentes que dava gosto, mas os vizinhos murmuravam na grade, como à beira de uma decepção. Acenderam cigarros e foram indo embora, uns de pijama e outros mais devagar. Ficou a rua, um apito de guarda-noturno ao longe, e o ônibus 108 que passava de tanto em tanto tempo; nós já tínhamos ido dormir e sonhávamos com festas, elefantes e vestidos de seda.

### **Etiqueta e precedências**

Sempre achei que o traço característico de nossa família é o recato. Levamos o pudor a extremos incríveis, tanto em nossa maneira de vestir como na forma de exprimir-nos e de subir nos bondes. Os apelidos, por exemplo, que se distribuem fartamente no bairro de Pacífico, constituem para nós motivo de cautela, de reflexão e até de inquietação. Achamos que não se deve botar um apelido qualquer em alguém que deverá absorvê-lo e agüentá-lo como um atributo durante a vida toda. As senhoras da rua Humboldt chamam seus filhos de Toto, Coco ou Cacho e as meninas de Negra ou Beba, mas em nossa família não existe esse tipo vulgar de apelido e muito menos outros rebuscados ou espalhafatosos como Chirola, Cachuzo ou Matagatos, que abundam para o lado de Paraguay e Godoy Cruz. Como exemplo do cuidado que nós temos com essas coisas, bastará

mencionar o caso de minha segunda tia. Visivelmente dotada de um traseiro de dimensões imponentes, jamais teríamos cedido à fácil tentação dos apelidos habituais; assim, em vez de dar-lhe a alcunha brutal de Anfora Etrusca, concordamos com o mais decente e familiar de Bunduda. Sempre procedemos com o mesmo tato, embora nos aconteça ter de discutir com os vizinhos e amigos, que insistem nos apelidos tradicionais. A meu primo segundo, o mais moço, de cabeça notoriamente grande, rejeitamos sempre o apelido de Atlas que lhe botaram no restaurante da esquina, e preferimos o infinitamente mais delicado de Cabeção. E é

sempre assim.

Quero deixar claro que não fazemos estas coisas para diferenciarnos do restante do bairro. Desejaríamos somente modificar gradualmente, e sem ofender os sentimentos de ninguém, as rotinas e as tradições. Não gostamos da vulgaridade em nenhuma de suas formas, e basta que algum de nós ouça na cantina frases como: "Foi um jogo de desenrolar violento", ou "Os arremates de Faggioli se caracterizaram por um notável trabalho de infiltração preliminar do centromédio", para que imediatamente ponhamos em circulação formas mais castiças e aconselháveis no caso, tais como: "Foi um sarrafo que só vendo", ou "Primeiro nós encurralamos eles, depois foi aquela goleada." As pessoas nos olham surpreendidas, mas nunca falta alguém que aprenda a lição oculta nessas frases delicadas. Meu tio mais velho, que conhece os escritores argentinos, diz que se poderia fazer algo semelhante com muitos deles, mas nunca nos explicou um detalhe. Uma pena. **Correios e telecomunicações**

Uma vez que um parente nosso muito afastado chegou a ser ministro, conseguimos que ele nomeasse boa parte da família para a sucursal do Correio da rua Serrano. Mas durou pouco. Dos três dias que estivemos lá, passamos dois atendendo o público com uma rapidez extraordinária, que provocou a surpreendida visita de um inspetor do Correio Central e um tópico elogioso em La Razón. No

terceiro dia estávamos certos de nossa popularidade, pois as pessoas já vinham de outros bairros para despachar a correspondência e mandar vales postais a Purmamarca e outros lugares igualmente absurdos. Então meu tio mais velho deu sinal verde e a família começou a atender o público de acordo com seus princípios e preferências. No guichê de franquia postal, minha segunda irmã dava de presente uma bola colorida a cada comprador de selos. A primeira a receber a sua bola foi uma senhora gorda que ficou como que paralisada, com a bola na mão e o selo de um peso já umedecido que se enroscava aos poucos em seu dedo. Um jovem cabeludo recusou-se a receber sua bola, e minha irmã o repreendeu severamente, enquanto na fila do guichê começavam a levantar-se opiniões desencontradas. Ao lado, vários provincianos empenhados em remeter insensatamente parte de seus salários para parentes remotos, recebiam com certo assombro copinhos de bagaceira e de quando em quando pastel de carne, tudo isso por conta de meu pai, que além do mais recitava aos gritos os melhores conselhos do viejo Vizcacha<sup>1</sup>

Entretanto meus irmãos, encarregados do guichê de encomendas, as besuntavam com piche e as enfiavam num balde cheio de penas.

1 "El viejo Vizcacha", personagem do livro *Martin Fierro*, do poeta argentino José Hernández (*La vuelta de Martin Fierro*, Cap. XV. (N. da T.) Depois as apresentavam ao assombrado remetente e lhe faziam notar com quanta alegria seriam recebidos os embrulhos assim melhorados. "Sem barbante à

vista", diziam. "Sem o lacre tão vulgar, e o nome do destinatário que parece enfiado debaixo da asa de um cisne, repare só." Para ser franco, nem todos se mostravam encantados.

Quando os curiosos e a polícia invadiram o local, minha mãe encerrou o ato da maneira mais linda, fazendo voar sobre o público uma multidão de flechinhas coloridas, fabricadas com os formulários dos telegramas, vales postais e cartas registradas. Cantamos o hino

nacional e retiramo-nos na mais perfeita ordem; vi chorar uma menina que era a terceira colocada na fila da venda de selos e sabia que tinha perdido a vez de ganhar uma bola.

## **Perda e recuperação do cabelo**

Para lutar contra o pragmatismo e a horrível tendência à consecução de fins úteis, meu primo mais velho defende a prática de arrancar um bom fio de cabelo da cabeça, dar-lhe um nó no meio e deixá-lo cair suavemente pelo buraco da pia. Se o cabelo ficar preso no ralo que costuma haver nesses buracos, bastará abrir um pouco a torneira para que ele se perca de vista.

Sem perda de um instante, deve-se iniciar a tarefa de recuperação do cabelo. A primeira operação se resume em desmontar o sifão da pia para ver se o cabelo ficou agarrado em alguma das sinuosidades do cano. Se não for encontrado, deve-se abrir o pedaço do cano que vai do sifão ao encanamento do esgoto principal. É

certo que nessa parte aparecerão muitos cabelos e será preciso contar com a ajuda de toda a família para examiná-los um por um à procura do que tem o nó. Se não aparecer, colocar-se-á o interessante problema de quebrar o encanamento até o andar de baixo, mas isto significa um esforço maior, pois durante oito ou dez anos será necessário trabalhar em algum ministério ou numa casa de comércio para juntar o dinheiro que permita comprar os quatro apartamentos situados embaixo do de meu primo mais velho, tudo isso com a extraordinária desvantagem de que enquanto se trabalha durante esses oito ou dez anos, não se poderá evitar a penosa sensação de que o cabelo não esteja mais no encanamento, e que só por um remoto acaso permaneça preso em alguma saliência enferrujada do cano. Chegará o dia em que poderemos quebrar os canos de todos os apartamentos e durante meses viveremos cercados por bacias e outros recipientes cheios de cabelos molhados, assim como de curiosos e mendigos, aos quais pagaremos generosamente para que procurem, separem,

classifiquem e nos tragam os cabelos possíveis, a fim de alcançarmos a certeza desejada. Se o cabelo não aparecer, entraremos numa etapa muito mais vaga e complicada, porque o trecho seguinte nos leva aos esgotos maiores da cidade. Depois de comprar uma roupa especial, aprenderemos a nos esgueirar pela rede a altas horas da noite, armados com uma poderosa lanterna e uma máscara de oxigênio, e exploraremos as galerias menores e maiores, se possível ajudados por marginais com quem teremos travado relação e a quem precisaremos dar grande parte do dinheiro que ganhamos durante o dia em um ministério ou numa casa comercial.

Freqüentemente teremos a impressão de haver chegado ao fim da tarefa, porque encontraremos (ou nos trarão) cabelos semelhantes ao que procuramos; mas como não se conhece nenhum caso em que um cabelo tenha um nó no meio sem a intervenção da mão humana, acabaremos quase sempre por comprovar que o nó em causa é um simples engrossamento do diâmetro do cabelo (embora tampouco conheçamos nenhum caso parecido) ou um depósito de algum silicato ou óxido qualquer, provocado por uma longa permanência numa superfície úmida. É provável que avancemos assim por diversos trechos de esgotos menores e maiores, até chegarmos a esse lugar onde ninguém se atreveria a penetrar: o esgoto principal que desemboca no rio, na junção torrencial dos detritos na qual nenhum dinheiro, nenhum barco, nenhum suborno nos permitirão continuar a busca. Mas antes disso, e talvez muito antes, a poucos centímetros do buraco da pia, por exemplo, na altura do apartamento do segundo andar, ou no primeiro encanamento subterrâneo, pode acontecer que encontremos o cabelo. Basta pensar na alegria que isso nos provocaria, no cálculo espantado dos esforços economizados por pura sorte, para justificar, para escolher, para exigir praticamente uma tarefa semelhante, que todo professor consciente deveria aconselhar a seus alunos desde a mais tenra infância, em vez de secar-lhes a alma com a regra de três composta ou com as tristezas da Cancha Rayada.<sup>1</sup>

1 Episódio histórico, também chamado na Argentina El desastre de Cancha Rayada, batalha perdida pelas forças do general San Martín, no Chile, para os espanhóis, em abril de 1817 pouco antes da vitória definitiva em Maipú. (N.daT.) **Tia em dificuldades**

Por que havemos de ter uma tia com tanto medo de cair de costas? Há anos que a família luta para curá-la da obsessão, mas chegou a hora de confessar nosso fracasso. Por mais que nos esforcemos, a tia tem medo de cair de costas; e sua inocente mania nos afeta a todos, a começar por meu pai, que a acompanha fraternalmente a toda parte e vai olhando o chão para que a tia possa andar despreocupada, enquanto minha mãe se esmera em varrer o pátio várias vezes por dia, minhas irmãs apanham as bolas de tênis com que se divertem inocentemente no terraço, e meus primos apagam todo rasto atribuído aos cachorros, gatos, tartarugas e galinhas que proliferam lá em casa. Mas de nada adianta, a tia só resolve atravessar os aposentos depois de prolongada vacilação, intermináveis observações oculares e palavras desaforadas a qualquer menino que passar por lá nesse momento. Depois se põe a caminho, apoiando primeiro um pé e movendo-o como um boxeador no ringue, depois o outro, trasladando o corpo num deslocamento que na infância achávamos majestoso, e demorando vários minutos para ir de uma porta a outra. É algo horrível.

Várias vezes a família tentou que minha tia explicasse com alguma coerência o seu temor a cair de costas. Em certa ocasião ela foi recebida com um silêncio que se teria podido cortar com uma foice; mas uma noite, depois de beber seu copinho com aspirina, a tia concordou em insinuar que se caísse de costas não poderia tornar a levantar-se. À observação elementar de que trinta e dois membros da família estavam dispostos a acudir em seu socorro, respondeu com um olhar lânguido e duas palavras: "Tanto faz." Dias depois meu irmão mais velho me chamou à noite até a cozinha e me mostrou uma barata caída de costas embaixo da pia. Sem uma palavra assistimos à sua inútil e longa luta por erguer-se, enquanto outras baratas, vencendo a intimidação da luz, circulavam pelo chão

e passavam rente à que jazia em posição de decúbito dorsal. Fomos para a cama com uma profunda melancolia, e por esta ou aquela razão ninguém tornou a interrogar a tia; limitamo-nos a aliviar na medida do possível seu medo, acompanhá-la em seus passos, dar-lhe o braço e comprar-lhe uma quantidade de sapatos de solas antiescorregantes e outros dispositivos estabilizadores. A vida continuou assim, e não era pior do que outras vidas.

### **Tia explicada ou não**

Uns mais outros menos, meus quatro irmãos se dedicam à filosofia. Lêem livros, discutem entre si, e são admirados a distância pelos outros da família, fiel ao princípio de não se intrometer nas preferências alheias e inclusive favorecê-las na medida do possível. Estes rapazes, que me merecem um grande respeito, discutiram mais de uma vez o problema do medo de minha tia, chegando a conclusões sombrias, mas talvez razoáveis. Como costuma acontecer em casos semelhantes, minha tia era a menos informada dessas assembléias, mas desde essa época a preocupação da família se acentuou ainda mais. Há anos acompanhamos a tia em suas titubeantes expedições da sala ao pátio, do quarto ao banheiro, da cozinha à

despensa. Nunca achamos fora de propósito que ela se deitasse de lado e durante toda a noite conservasse a mais absoluta imobilidade, os dias pares do lado direito, e os ímpares do lado esquerdo. Nas cadeiras da sala de jantar e do pátio, a tia se instalava muito ereta; não aceitaria por nada deste mundo a comodidade de uma cadeira de balanço ou de um sofá Morris. Na noite do Sputnik a família jogou-se no chão do pátio para observar o satélite, mas a tia ficou sentada e no dia seguinte teve um bruto torcicolo. Pouco a pouco nós fomos nos habituando e hoje estamos resignados. Nossos primos irmãos nos ajudam e fazem referência ao assunto com olhares inteligentes e dizem coisas tais como: "Ela tem razão." Mas por quê? Nós não sabemos e eles não querem explicar. Por mim, por exemplo, acho muito cômodo ficar de costas. O corpo todo se apóia

no colchão ou nos ladrilhos do pátio, a gente sente os calcanhares, as panturrilhas, as coxas, as nádegas, as espáduas, os braços e a nuca, que dividem o peso do corpo e o distribuem por assim dizer no chão, aproximam-no tão bem e tão naturalmente dessa superfície que nos atrai com voracidade e parece querer engolir-nos. É curioso que, para mim, ficar de costas seja a posição mais natural e às vezes desconfio que minha tia lhe tem horror por isso mesmo. Eu a acho perfeita e penso que no fundo é a mais confortável. Sim, disse bem: no fundo, bem no fundo, de costas. Até me dá um pouco de medo, algo que não consigo explicar. Como eu gostaria de ser igual a ela, e como não consigo.

## **Os pouso-tigres**

Muito antes de levar à prática nossa idéia, sabíamos que o pouso dos tigres nos colocava diante de um duplo problema, sentimental e moral. O primeiro não se referia tanto ao pouso como ao próprio tigre, na medida em que esses felinos não gostam que a gente os hospede, e recorrem a todas as suas energias, que são enormes, para resistir. Caberia nessas circunstâncias enfrentar o temperamento desses animais? Mas a pergunta nos transferiria ao plano moral, onde toda ação pode ser causa ou efeito de esplendor ou de infâmia. A noite, em nossa casinha da rua Humboldt, meditávamos diante das terrinas de arroz-doce, esquecidos de polvilhá-las com canela e açúcar. Não estávamos verdadeiramente certos de poder pousar um tigre, e o lamentávamos.

Decidiu-se afinal que pousaríamos um, com o único objetivo de ver funcionar o mecanismo em toda a sua complexidade, e que mais tarde avaliaríamos os resultados. Não falarei aqui da obtenção do primeiro tigre; foi um trabalho sutil e penoso, um corre-corre por consulados e drogarias, uma complicada trama de passagens, cartas aéreas e trabalho de dicionário. Certa noite, meus primos chegaram cobertos de tintura de iodo: era o sucesso. Bebemos tanto vinho que minha irmã mais moça acabou tirando a mesa com o ancinho. Nessa época éramos mais jovens.

Agora que a experiência deu os resultados conhecidos, posso facilitar detalhes do pouso. Talvez o mais difícil seja o que se refere ao ambiente, pois se requer um aposento com o mínimo de móveis, coisa difícil na rua Humboldt. Coloca-se o dispositivo no centro: duas tábuas atravessadas, um jogo de varetas elásticas e alguns potes com leite e água. Pousar o tigre não é muito difícil, embora a operação possa fracassar e seja necessário repeti-la; a verdadeira dificuldade começa no momento em que, já pousado, o tigre recupera a liberdade e opta — de diversas maneiras possíveis — por exercê-la. Nessa etapa, que chamarei intermediária, as reações de minha família são fundamentais; tudo depende de como se comportem minhas irmãs, da habilidade com que meu pai torne a pousar o tigre, tirando dele o máximo partido, tal como o oleiro com seu barro. A menor falha levaria à catástrofe, os fusíveis queimados, o leite derramado no chão, o horror de uns olhos fosforescentes riscando as trevas, os jatos mornos a cada patada; recuso-me sequer a imaginá-lo, visto que até agora temos pousado o tigre sem conseqüências perigosas. Tanto o dispositivo como as diferentes funções que todos devemos desempenhar, do tigre até meus primos segundos, parecem eficazes e se articulam harmoniosamente. Para nós o fato em si de pousar o tigre não é

importante, e sim que a cerimônia se realize até o fim, sem erros. É necessário que o tigre concorde em ser pousado, ou que o seja de forma tal que seu assentimento ou sua repulsa careçam de importância. Nos instantes que somos tentados a chamar cruciais — talvez pelas duas tábuas, talvez por um simples lugar-comum —, a família sente-se possuída de uma exaltação extraordinária; minha mãe não consegue disfarçar as lágrimas, e minhas primas irmãs trançam e destrançam convulsivamente os dedos. Pousar o tigre tem algo de encontro total, de alienação perante um absoluto; o equilíbrio depende de tão pouco e pagamos um preço tão alto, que os breves instantes que se sucedem ao pousar e que decidem sua perfeição nos arrebatam de nós mesmos, arrasam com a tigridade e com a humanidade num só

movimento imóvel que é vertigem, pausa e chegada. Não há tigre, não há família, não há pouso. É impossível saber o que há: um tremor que não é desta carne, um tempo central, uma coluna de contato. E depois saímos todos para o pátio coberto, e nossas tias trazem a sopa como se algo cantasse, como se fôssemos a um batizado.

## **Comportamento nos velórios**

Não vamos por causa do anis, nem porque seja preciso ir. Já terão desconfiado: vamos porque não podemos suportar as formas mais sutis da hipocrisia. A mais velha de minhas primas em segundo grau se encarrega de investigar a natureza do luto, e se for de verdade, se se chora porque o choro é a única coisa que resta a esses homens e a essas mulheres entre o cheiro de nardos e de café, então ficamos em casa e lhes fazemos companhia de longe. No máximo, minha mãe vai lá por pouco tempo e dá os pêsames em nome da família; não gostamos de impor insolentemente nossa vida alheia a esse diálogo com a sombra. Mas se da minuciosa investigação de minha prima surgir a suspeita de que num pátio coberto ou na sala foram armadas as bases da encenação, então a família veste suas melhores roupas, espera que o velório esteja no ponto e vai se apresentando aos poucos mas implacavelmente.

Em Pacífico as coisas acontecem quase sempre num pátio com vasos e música de rádio. Nessas ocasiões os vizinhos concordam em desligar o rádio, e restam somente os jasmims e os parentes, alternando-se contra as paredes. Chegamos de um em um ou de dois em dois, cumprimentamos os parentes, aos quais se reconhece facilmente porque choram mal vêem alguém entrar, e nos inclinamos perante o defunto, escoltados por algum parente próximo. Uma ou duas horas depois a família está na casa mortuária, mas embora os vizinhos nos conheçam bem, agimos como se cada um de nós tivesse vindo por conta própria e quase não nos falamos. Um método preciso comanda nossos atos, escolhe os interlocutores com quem se conversa na cozinha, debaixo da laranjeira, nos quartos, no

vestíbulo, e de quando em quando se sai ao pátio ou à rua para fumar, ou se dá uma volta no quarteirão para manifestar opiniões políticas ou esportivas. Não nos toma tempo demais sondar os sentimentos dos parentes mais próximos: os copinhos de cachaça, o chimarrão doce e os Particulares suaves<sup>1</sup> são a ponte das confidências; antes da meia-noite nos sentimos seguros, podemos agir sem remorsos. Em geral minha irmã mais moça se encarrega da primeira escaramuça; sabiamente colocada aos pés do caixão, ela cobre os olhos com um lenço roxo e começa a chorar, primeiro em silêncio, empapando o lenço a um ponto incrível, depois aos soluços e ofegante e, finalmente, é atacada por um terrível ataque de choro que obriga as vizinhas a levá-la à cama preparada para tais emergências, darlhe água de alfazema para cheirar e consolá-la, enquanto outras vizinhas tomam conta dos parentes próximos, subitamente contagiados pela crise. Durante certo tempo fica um montão de pessoas na porta da capela ardente, perguntas e notícias em voz baixa, dar de ombros por parte dos vizinhos. Esgotados por um esforço ao qual tiveram de dedicar-se a fundo, os parentes reduzem suas manifestações e, nesse mesmo momento, minhas três primas em segundo grau desatam a chorar sem afetação, sem gritos, mas tão comovedora-mente que os parentes e vizinhos sentem a emulação, compreendem que não é possível ficar assim descansando enquanto estranhos da outra quadra se afligem de tal maneira, e outra vez se unem à lamentação geral, outra vez têm de buscar lugar nas camas, abanar as velhas senhoras, afrouxar o cinto dos velhinhos convulsos. Meus irmãos e eu habitualmente esperamos este momento para entrar na sala mortuária e colocar-nos junto do caixão. Por incrível que pareça, estamos realmente aflitos, jamais podemos ouvir nossas irmãs chorarem sem que uma angústia infinita nos encha o peito e nos lembre fatos da infância, uns campos perto da Vila Albertina, um bonde que rangia ao entrar na curva da rua General Rodríguez, em Banfield, coisas assim, sempre tão tristes.

1. Marca de cigarro. (N. da T.)

Basta ver as mãos cruzadas do defunto para que o choro nos deixe arrasados de repente, nos obrigue a cobrir o rosto, envergonhados, e somos cinco homens a chorar de verdade no velório, enquanto os parentes retêm desesperadamente a respiração para se igualarem a nós, percebendo que, custe o que custar, precisam provar que o velório é deles, que somente eles têm o direito de chorar assim nessa casa. Mas são poucos, e mentem (disso sabemos por minha prima em segundo grau, a mais velha, o que nos dá forças). Em vão eles acumulam soluços e desmaios, inutilmente os vizinhos mais solidários os confortam com seus consolos e suas reflexões, levando-os e trazendo-os para que descansem e se reintegrem na luta. Meus pais e meu tio mais velho nos substituem agora, há algo que impõe respeito na dor desses velhos que vieram da rua Humboldt, cinco quadras a contar da esquina, para velar o defunto. Os vizinhos mais coerentes começam a perder a paciência, largam os familiares para lá, vão até a cozinha beber bagaceira e fofocar; alguns parentes, extenuados por uma hora e meia de pranto ininterrupto, dormem profundamente. Nós nos revezamos em ordem, embora sem dar a impressão de nada preparado; antes das seis horas da manhã somos donos indiscutíveis do velório, a maioria dos vizinhos foi dormir em suas casas, os parentes jazem em diferentes posições e graus de inchação do rosto, a madrugada nasce no pátio. Nessa hora, minhas tias providenciam lanches reforçados na cozinha, tomamos café bem quente, olhamo-nos fervorosamente ao nos encontrarmos no vestíbulo ou nos quartos; temos algo de formigas que vão e vêm, roçando as antenas ao passar. Quando chega o carro fúnebre as disposições estão todas tomadas, minhas irmãs levam os parentes para se despedirem do falecido antes de fechar o caixão, os sustentam e confortam enquanto minhas primas e meus irmãos vão se adiantando até desalojá-los, abreviarem o último adeus e ficarem sozinhos junto do morto. Exaustos, perdidos, compreendendo vagamente mas incapazes de reagir, os parentes se deixam levar e trazer, bebem qualquer coisa que se lhes chegue aos lábios, e respondem com vagos protestos inconscientes às carinhosas solicitações de minhas primas e irmãs. Quando chega a hora de partir e a casa está cheia de parentes e amigos, uma organização

invisível mas sem erros decide esse movimento, o diretor da funerária acata as ordens de meu pai, a remoção do esquife se faz de acordo com as indicações de meu tio mais velho. Uma vez ou outra os parentes chegados à última hora manifestam alguma reivindicação absurda; os vizinhos, convencidos de que tudo está correndo como deve ser, os olham escandalizados e os obrigam a calar a boca. No primeiro carro se instalam meus pais e tios, meus irmãos sobem no segundo e minhas primas condescendem em aceitar algum dos parentes no terceiro, onde se instalam embrulhadas em grandes echarpes pretas e roxas. O restante sobe onde pode, e há

parentes que são obrigados a chamar um táxi. E se alguns, refrescados pela brisa matinal e pelo longo trajeto, tramam uma reconquista na necrópole, amarga é sua desilusão. Apenas chega o caixão à porta do cemitério, meus irmãos cercam o orador designado pela família ou pelos amigos do defunto, e que é facilmente reconhecível por sua cara de circunstância e pelo rolo de papel que faz volume no bolso do paletó. Apertando-lhe as mãos, empapam-lhe a lapela de lágrimas, dão-lhe tapas nos ombros com um débil som de farinha de mandioca, e o orador não consegue impedir que meu tio mais moço suba à tribuna e abra os discursos com uma oração que é sempre um modelo de verdade e discrição. Leva três minutos, refere-se exclusivamente ao defunto, ressalta-lhe as virtudes e dá conta de seus defeitos, sem tirar humanidade a nada do que diz; está profundamente emocionado e às vezes lhe custa acabar. Apenas desce, meu irmão mais velho ocupa a tribuna e se encarrega do panegírico em nome da vizinhança, enquanto o vizinho designado para essa tarefa procura abrir caminho entre minhas primas e irmãs que choram dependuradas em seu paletó. Um gesto afável mais imperioso de meu pai mobiliza o pessoal da funerária; o caixão começa a rodar suavemente e os oradores oficiais se postam ao pé da tribuna, olhando-se e espremendo os discursos em suas mãos úmidas. Geralmente não nos damos ao trabalho de acompanhar o defunto até o jazigo ou sepultura: fazemos meia-volta e saímos todos juntos, comentando as

ocorrências do velório. Vemos de longe como os parentes correm desesperados para segurar algumas das cordas do esquife e brigam com os vizinhos, os quais, entretanto, tomaram conta das cordas e preferem segurá-las eles mesmos, em vez dos parentes.

## **MATÉRIA PLÁSTICA**

### **Trabalhos de escritório**

Minha fiel secretária é das que tomam sua função ao pé da letra, e já se sabe que isso significa passar para o outro lado, invadir territórios, enfiar os cinco dedos no copo de leite para tirar um pobre cabelinho.

Minha fiel secretária se ocupa ou pretenderia ocupar-se de tudo em meu escritório. Passamos o dia travando uma cordial batalha de jurisdições, um intercâmbio sorridente de minas e contraminas, de saídas e retiradas, de prisões e resgates. Mas ela tem tempo para tudo, não só procura apropriar-se do escritório como cumpre escrupulosamente suas funções. Por exemplo, as palavras, não há dia em que não as encere, as escove, as coloque na prateleira exata, as prepare e enfeite para suas obrigações cotidianas. Se me vem à boca um adjetivo prescindível porque todos eles nascem fora da órbita de minha secretária — e de certa maneira de mim mesmo —, já está ela de lápis na mão agarrando-o e o matando sem lhe dar tempo de colocar-se ao restante da frase e sobreviver por descuido ou por hábito. Se eu deixasse, se neste mesmo instante eu deixasse, ela jogaria estas folhas na cesta, enfurecida. Está tão decidida a que eu viva uma vida condenada, que qualquer movimento imprevisto a leva a erguer-se, toda orelhas, toda rabo em pé, tremendo como um arame ao vento. Tenho que disfarçar, e a pretexto de que estou redigindo um relatório, encher algumas folhinhas de papel cor-de-rosa ou verde com as palavras que eu gosto, com as suas brincadeiras, os seus saltos e as suas brigas raivosas. Enquanto isso, minha fiel secretária arruma o escritório, aparentemente distraída mas pronta para dar o bote. Na metade de um verso que nascia tão

contente, pobrezinho, eu a ouço começar seu horrível guincho de censura, e então meu lápis volta a galope às palavras proibidas, risca-as correndo, ordena a desordem, fixa, limpa e dá esplendor — e o que sobra é provavelmente muito bom, mas essa tristeza, esse gosto de traição na língua, essa cara de chefe com sua secretária.

## **Ocupações maravilhosas**

Que ocupação maravilhosa é cortar a pata de uma aranha, metê-la num envelope, escrever Senhor Ministro das Relações Exteriores, acrescentar o endereço, descer a escada aos pulos, botar a carta no correio da esquina. Que ocupação maravilhosa é ir andando pelo Boulevard Arago contando as árvores, e a cada cinco castanheiros parar um momento num pé só e esperar que alguém olhe, e então soltar um grito seco e breve, e girar como um pião, os braços bem abertos, igual à ave cakuy que se vê nas árvores do norte da Argentina. Que ocupação maravilhosa é entrar num café e pedir açúcar, açúcar outra vez, três ou quatro vezes açúcar, e ir formando um monte no meio da mesa, enquanto cresce a fúria nos balcões e debaixo dos aventais brancos, e exatamente no meio do monte de açúcar cuspir suavemente e espiar a descida da pequena geleira de saliva, escutar o barulho de pedras quebradas que o acompanha e que nasce nas gargantas contraídas de cinco fregueses e do patrão, homem honesto em certas horas.

Que ocupação maravilhosa é tomar o ônibus, descer em frente ao Ministério, abrir caminho a golpes de envelopes com selos, deixar para trás o último secretário e entrar, firme e sério, na grande sala de despacho toda de espelhos, no momento exato em que um contínuo vestido de azul entrega uma carta ao Ministro, e vê-lo abrir o envelope com cortador de papel de origem histórica, enfiar dois dedos delicados e retirar a pata da aranha e ficar olhando, e então imitar o zumbido de uma mosca e ver como o Ministro empalidece, quer tirar a pata mas não consegue, está agarrado pela pata, e dar-lhe as costas e sair assobiando, anunciar nos corredores a renúncia do Ministro e saber que, no dia seguinte, entrarão as tropas inimigas

e tudo irá para o inferno e será uma quinta-feira de um mês ímpar de um ano bissexto.

## **Vietato introdure biciclette**

Nos bancos e nas casas de comércio deste mundo ninguém se incomoda a mínima que alguém entre com um repolho debaixo do braço, ou com um tucano, ou soltando da boca como um barbantino as canções que minha mãe me ensinou, ou trazendo pela mão um chipanzé com uma camiseta listrada. Mas basta uma pessoa entrar com uma bicicleta para que se produza uma agitação desmedida e o veículo seja expulso com violência para a rua enquanto o proprietário recebe advertências violentas dos empregados da casa.

Para uma bicicleta, ser dócil e de comportamento modesto constitui uma humilhação e um escárnio a presença de cartazes que a fazem parar, altivos, diante das belas portas de vidro da cidade. Sabe-se que as bicicletas procuraram por todos os meios modificar sua triste condição social. Mas absolutamente em todos os países da terra é proibido entrar com bicicletas. Alguns acrescentam: "e cachorros", o que duplica nas bicicletas e nos cães seu complexo de inferioridade. Um gato, uma lebre, uma tartaruga podem em princípio entrar na casa Bunge & Born ou nos escritórios dos advogados da rua San Martin sem provocar mais do que uma surpresa, grande deslumbramento entre telefonistas ansiosas, ou no máximo uma ordem ao porteiro para que ponha na rua os mencionados animais. Isto pode acontecer mas não é humilhante, primeiro porque só representa uma probabilidade entre muitas, e depois porque nasce como efeito de uma causa e não de uma fria maquinação preestabelecida, horrendamente impressa em chapas de bronze ou de esmalte, tábuas da lei inexorável que esmagam a simples espontaneidade das bicicletas, criaturas inocentes.

De qualquer maneira, cuidado, gerentes! Também as rosas são ingênuas e doces, mas talvez vocês saibam que numa guerra de

duas rosas morreram príncipes que eram como raios negros, cegados por pétalas de sangue. Não vá acontecer que as bicicletas amanheçam um dia cobertas de espinhos, que as hastes de seus guidons cresçam e ataquem, que encouraçadas de furor elas arremetam em legião contra as vitrines das companhias de seguros e que o dia aziago se encerre com uma baixa geral de ações, com um luto de vinte e quatro horas, com pêsames mandados em cartões.

### **Comportamento dos espelhos na ilha da Páscoa**

Quando se põe um espelho a oeste da ilha da Páscoa, ele atrasa. Quando se põe um espelho a leste da ilha da Páscoa, ele adianta. Mediante delicadas medições pode-se encontrar o ponto em que esse espelho estará na hora, mas o ponto que serve para esse espelho não é garantia de que sirva para outro, pois os espelhos são feitos de diferentes materiais e reagem segundo lhes dá na telha. Assim, Salomón Lemos, o antropólogo a serviço da Fundação Guggenheim, se viu morto de tifo ao olhar seu espelho de barbear, tudo isso a leste da ilha. E ao mesmo tempo um espelhinho que ele esquecera a oeste da ilha da Páscoa refletia para ninguém (estava jogado entre as pedras) Salomón Lemos de calça curta indo para a escola, depois Salomón Lemos nu na banheira, sendo entusiasticamente ensaboado por seu pai e sua mãe, depois Salomón Lemos falando "ah" para grande emoção de sua tia Remeditos numa fazenda do município de Trenque Lauquen.

### **Possibilidades da abstração**

Trabalho há anos na UNESCO e em outros organismos internacionais, mas apesar disso conservo algum senso de humor e especialmente uma notável capacidade de abstração, isto é, se eu não gosto de um sujeito apago-o do mapa com uma simples decisão, e enquanto ele fala e fala eu me passo para Melville e o coitado pensa que o estou escutando. Da mesma maneira, se uma moça me agrada posso abstrair-lhe a roupa mal ela entra no meu raio visual, e enquanto ela fala como a manhã está fria eu fico

longos minutos admirando-lhe o umbiguinho. Às vezes é quase doentia essa facilidade que eu tenho.

Segunda-feira passada, foram as orelhas. Na hora da chegada era extraordinário o número de orelhas que se deslocavam na galeria de entrada. Encontrei seis orelhas em meu escritório; na cantina, ao meio-dia, havia mais de quinhentas, simetricamente dispostas em fila dupla. Era divertido observar de quando em quando duas orelhas que pairavam no ar, saíam da fila e se afastavam. Pareciam asas.

Terça-feira escolhi algo que julgava menos freqüente: os relógios de pulso. Enganei-me, porque na hora do almoço pude ver perto de duzentos que sobrevoavam as mesas com um movimento para trás e para frente, lembrando particularmente a ação de cortar um bife. Quarta-feira preferi (com certo embaraço) algo mais fundamental e escolhi os botões. Ó espetáculo! O ar da galeria repleto de cardumes de olhos opacos que se deslocavam horizontalmente, enquanto dos lados de cada pequeno batalhão horizontal se balançavam pendularmente dois, três ou quatro botões. No elevador a saturação era indescritível: centenas de botões imóveis, ou mal se mexendo, em assombroso cubo cristalográfico. Recordo sobretudo uma janela (era de tarde) contra o céu azul. Oito botões vermelhos desenhavam uma delicada vertical, e aqui e ali se moviam suavemente uns pequenos discos nacarados e secretos. Essa mulher devia ser tão bonita. A quarta-feira era de cinzas, dia em que os processos digestivos me pareceram uma ilustração adequada à circunstância, pelo que, às nove e meia, fui melancólico espectador da chegada de centenas de saquinhos cheios de uma papa acinzentada, proveniente da mistura de corn flakes, café com leite e croissants. Vi na cantina como uma laranja se dividia em muitos gomos, que num momento dado perdiam sua forma e desciam um após o outro até formarem a certa altura um depósito esbranquiçado. Nesse estado a laranja percorreu o corredor, desceu quatro andares e após entrar num escritório foi imobilizar-se num ponto situado entre os dois braços de um sofá. Um pouco mais além via-se em análogo repouso um quarto de litro de chá forte. Como um estranho parêntese (a

minha faculdade de abstração costuma exercer-se arbitrariamente), podia vislumbrar também uma baforada de fumaça que se afunilava verticalmente, dividia-se em duas bolhas translúcidas, subia novamente pelo tubo e depois de uma graciosa voluta se dispersava em resultados barrocos. Mais tarde (eu estava em outro escritório) achei um pretexto para tornar a visitar a laranja, o chá e a fumaça. Mas a fumaça desaparecera e em vez de laranja e do chá havia dois desagradáveis tubos retorcidos. Mesmo a abstração tem seu lado penoso; cumprimentei os tubos e voltei ao meu escritório. Minha secretária chorava, lendo o decreto pelo qual eu tinha sido dispensado. Para me consolar resolvi abstrair suas lágrimas, e durante certo tempo me deleitei com essas diminutas fontes cristalinas que nasciam no ar e se esborrachavam nas pastas, no mata-borrão e no boletim oficial. A vida está cheia de belezas assim.

### **O jornal e suas metamorfoses**

Um, senhor pega um bonde após comprar o jornal e pô-lo debaixo do braço. Meia hora depois, desce com o mesmo jornal debaixo do mesmo braço. Mas já não é o mesmo jornal, agora é um monte de folhas impressas que o senhor abandona num banco da praça.

Mal fica sozinho na praça, o monte de folhas impressas se transforma outra vez em jornal, até que um rapaz o descobre, o lê, e o deixa transformado num monte de folhas impressas.

Mal fica sozinho no banco, o monte de folhas impressas se transforma outra vez em jornal, até que uma velha o encontra, o lê e o deixa transformado num monte de folhas impressas. A seguir, leva-o para casa e no caminho aproveita-o para embrulhar um molho de acelga, que é para o que servem os jornais após essas excitantes metamorfoses.

### **Pequena história destinada a explicar**

**como é precária a estabilidade dentro**

**da qual acreditamos existir, ou seja,  
que as leis poderiam ceder terreno  
às exceções, acasos ou  
improbabilidades,  
e aí é que eu quero ver.**

Relatório confidencial CVN/475 a/W

do Secretário da OCLUSIOM

ao Secretário da VERPERTUIT.

..

. horrível confusão. Tudo caminhava perfeitamente e nunca houve problemas com os regulamentos. Agora, de repente, resolve-se reunir o Comitê

Executivo em sessão extraordinária e começam as dificuldades, o senhor já verá

que tipo de complicações inesperadas. Absoluta desorientação nas filas. Incerteza quanto ao futuro. Acontece que o Comitê se reúne e procede à eleição dos novos membros do órgão, em substituição aos seis titulares falecidos em trágicas circunstâncias, ao precipitar-se na água o helicóptero no qual sobrevoavam a paisagem, perecendo todos eles no hospital da região por ter-se enganado a enfermeira, aplicando-lhes injeções de sulfamida em doses inaceitáveis para o organismo humano. Reunido o Comitê, composto pelo único titular sobrevivente (retido em seu domicílio no dia da catástrofe por causa de um resfriado) e de seis membros suplentes, procede-se à escolha dos candidatos propostos pelos diferentes estados associados da OCLUSIOM. E eleito por unanimidade o senhor Félix Voll (Palmas). É

eleito por unanimidade o senhor Félix Romero (Palmas). Realiza-se uma nova votação, e em conseqüência é eleito por unanimidade o senhor Félix Lupescu (Surpresa). O Presidente interino toma a palavra e faz uma observação jocosa sobre a coincidência dos nomes. Pede a palavra o delegado da Grécia, e declara que embora lhe pareça ligeiramente extraordinário, tem instruções de seu governo para propor como candidato o senhor Félix Paparemólogos. Votase, e ele é eleito por maioria. Passa-se à votação seguinte, e ganha o candidato do Paquistão, senhor Félix Abib. A essa altura estabelece-se grande confusão no Comitê, que se apressa em celebrar a votação final, em que é eleito o candidato da Argentina, senhor Félix Camusso. Entre as palmas evidentemente encabuladas dos presentes, o decano titular do Comitê declara bem-vindos os seis novos membros, aos quais qualifica cordialmente de xarás (Estupefação). Lê-se a composição do Comitê, que fica constituído da seguinte forma: Presidente e membro mais antigo, sobrevivente da catástrofe, Sr. Félix Smith. Membros, Srs. Félix Voll, Félix Romero, Félix Lupescu, Félix Paparemólogos, Félix Abib e Félix Camusso. Ora, as conseqüências dessa eleição são cada vez mais comprometedoras para a OCLUSIOM. Os vespertinos reproduzem com comentários gaiatos e impertinentes a composição do Comitê Executivo. O ministro do Interior telefonou hoje de manhã para o diretor-geral. Este, à falta de coisa melhor, fez preparar uma nota informativa que contém curriculum vitae dos novos membros do Comitê, todos eles personalidades eminentes no campo das ciências econômicas.

O Comitê deve realizar sua primeira sessão na próxima quinta-feira, mas comenta-se que os Srs. Félix Camusso, Félix Voll e Félix Lupescu apresentarão suas renúncias nas últimas horas desta tarde. O Sr. Camusso pediu instruções acerca da redação de sua renúncia; de fato, ele não tem motivo válido para retirar-se do Comitê e só o anima, como aos Srs. Voll e Lupescu, o desejo de que o Comitê seja integrado por pessoas que não atendam pelo nome de Félix. Provavelmente as renúncias invocarão razões de saúde, e serão aceitas pelo diretor-geral. **Fim do mundo do fim**

Como os escribas continuarão, os poucos leitores que no mundo havia<sup>1</sup> vão mudar de profissão e adotar também a de escriba. Cada vez mais os países serão compostos por escribas e por fábricas de papel e de tinta, os escribas de dia e as máquinas de noite para imprimir o trabalho dos escribas. Primeiro, as bibliotecas transbordarão para fora das casas; então, as prefeituras resolvem (já estamos vendo tudo) sacrificar as áreas de recreação infantil para ampliar as bibliotecas. Depois sucumbem os teatros, as maternidades, os matadouros, as cantinas, os hospitais. Os pobres aproveitam os livros como tijolos, grudam-nos com cimento e constróem paredes de livros e moram em casebres de livros. Então acontece que os livros transbordam das cidades e entram nos campos, vão esmagando os trigais e os campos de girassóis, o Ministério da Viação mal consegue que os caminhos fiquem desimpedidos entre duas paredes altíssimas de livros. Às vezes uma parede cede e há espantosas catástrofes automobilísticas. Os escribas trabalham sem trégua porque a humanidade respeita as vocações e os impressos já chegam à beira do mar. O Presidente da República telefona para os presidentes das repúblicas e propõe inteligentemente jogar no mar o excedente de livros, o que se faz ao mesmo tempo em todas as costas do mundo. Assim os escribas siberianos vêem seus impressos jogados no oceano glacial e os escribas indonésios etc. Isto permite aos escribas aumentarem sua produção, porque volta a haver espaço na terra para armazenar livros. Não pensam que o mar tem fundo, e que no fundo do mar começam a amontoar-se os impressos, primeiro em forma de pasta

1 Alusão ao poema "Vida Retirada" de Fray Luis de Leon, poeta místico espanhol (1527-1591): los pozos sábios que en ei mundo han sido... (N. da T.) aglutinante, depois em forma de pasta aglutinante, depois em forma de pasta pasta consolidante e, finalmente, como um chão resistente embora viscoso, que sobe diariamente alguns metros e acabará por chegar à superfície. Então, muitas águas invadem muitas terras, produz-se uma nova distribuição de continentes e oceanos, e presidentes de diversas repúblicas são substituídos por lagos e penínsulas, presidentes de outras repúblicas vêem abrir-se imensos territórios a suas ambições

etc. A água do mar, tão violentamente obrigada a espalhar-se, evapora-se mais do que antes, ou procura repouso misturando-se aos impressos para formar a pasta aglutinante, a tal ponto que um dia os capitães de longo curso percebem que seus navios avançam lentamente, de trinta nós descem para vinte, para quinze, e os motores arquejam e as hélices se deformam. Afinal, todos os navios param em diferentes pontos dos mares, encalhados na pasta, e os escribas do mundo inteiro escrevem milhares de impressos explicando o fenômeno, cheios de uma grande alegria. Os presidentes e os capitães resolvem transformar os navios em ilhas e cassinos, o público vai a pé, por cima dos mares de papelão para as ilhas e os cassinos onde orquestras de música típica argentina e de música local amenizam o ambiente refrigerado e se dança até altas horas da madrugada. Novos impressos se amontoam à beira do mar, mas é impossível metê-los na pasta e assim crescem muralhas de impressos e nascem montanhas à beira dos antigos mares. Os escribas percebem que as fábricas de papel e de tinta vão falir e escrevem com uma letra cada vez menor, aproveitando até os cantos mais imperceptíveis de cada papel. Quando a tinta acaba, escrevem a lápis etc; ao acabar o papel, escrevem em tábuas e ladrilhos etc. Começa a difundir-se o hábito de intercalar um texto em outro para aproveitar as entrelinhas, ou se apagam com lâminas de barbear as letras impressas, para utilizar novamente o papel. Os escribas trabalham devagar, mas são em tal quantidade que os impressos já estabelecem uma nítida separação entre as terras e os leitões dos antigos mares. Na terra vive precariamente a raça dos escribas, condenada a extinguir-se, e no mar estão as ilhas e os cassinos, isto é, os transatlânticos onde se refugiaram os presidentes das repúblicas, e onde se celebram grandes festas e se trocam mensagens de ilha a ilha, de presidente a presidente, e de capitão a capitão.

## **Acefalia**

Cortaram a cabeça de um certo senhor, mas como depois estourou uma greve e não puderam enterrá-lo, esse senhor teve que

continuar vivendo sem cabeça e arranjar-se bem ou mal.

Em seguida ele notou que quatro dos cinco sentidos tinham ido embora com a cabeça. Dotado somente de tato, mas cheio de boa vontade, sentou-se num banco da Praça Lavallo e tocava uma por uma as folhas das árvores, tratando de distingui-las e dar os respectivos nomes. Assim, depois de vários dias, pôde ter a certeza de que havia juntado em seus joelhos uma folha de eucalipto, uma de plátano, uma de magnólia e uma pedrinha verde.

Quando o senhor percebeu que esta última era uma pedra verde, passou uns dias na maior perplexidade. Pedra era correto e possível, mas não verde. Para experimentar, imaginou que a pedra era vermelha, e no mesmo momento sentiu uma profunda repulsa, uma resistência a essa mentira flagrante de uma pedra vermelha absolutamente falsa, já que a pedra era completamente verde e em forma de disco, muito suave ao tato.

Quando percebeu que além do mais a pedra era suave, o senhor passou algum tempo tomado de grande surpresa. Depois optou pela alegria, o que sempre é preferível, pois se notava que à semelhança de determinados insetos que regeneram suas partes cortadas, era capaz de sentir diversamente. Estimulado pelo fato, abandonou o banco da praça e desceu a rua Libertad até a avenida de Mayo, onde como se sabe proliferam as frituras oriundas dos restaurantes espanhóis. Informado deste detalhe que lhe restituía um novo sentido, o senhor se encaminhou vagamente em direção ao leste ou ao oeste, pois disso não estava certo, e foi infatigável, esperando, de um momento a outro, ouvir alguma coisa, já

que o ouvido era a única coisa que lhe faltava. De fato enxergava um céu pálido como o do amanhecer, tocava suas próprias mãos com dedos úmidos e unhas que lhe penetravam na pele, sentia o cheiro de seu suor, e um gosto de metal e de conhaque na boca. Só lhe faltava ouvir e justamente então ouviu, e foi como uma lembrança, porque o que ouvia era de novo as palavras do capelão

do cárcere, palavras de conforto e de esperança, muito bonitas em si, pena que com certo ar de usadas, de ditas muitas vezes, de gastas à força de soar e ressoar.

### **Esboço de um sonho**

Vem-lhe de repente um grande desejo de ver seu tio e se apressa por ruelas retorcidas e empinadas, que parecem se esforçar por afastá-lo da velha mansão. Depois de muito andar (mas é como se tivesse os sapatos grudados no chão) vê o pórtico e escuta vagamente o latido de um cachorro, se aquilo for um cachorro. No momento de subir os quatro degraus já gastos e quando estende a mão em direção à aldrava, que é uma outra mão que aperta uma esfera de bronze, os dedos da aldrava se mexem, primeiro o mínimo e pouco a pouco os outros, que vão soltando interminavelmente a bola de bronze. A bola cai como se fosse feita de penas, ricocheteia sem ruído no umbral e pula à altura de seu peito, mas agora é uma aranha preta e gorda. Ele a repele com uma pancada frenética e nesse instante a porta se abre: o tio está de pé, sorrindo sem expressão, como se há tempos estivesse esperando atrás da porta fechada. Trocam algumas frases que parecem preparadas, um xadrez elástico. "Agora eu tenho que responder. .." "Agora ele vai dizer..." E tudo acontece exatamente assim. Eles já estão num aposento brilhantemente iluminado, o tio puxa cigarros enrolados em papel prateado e lhe oferece um. Procura os fósforos durante muito tempo, mas na casa toda não há

fósforos nem fogo de espécie alguma; não podem acender os cigarros, o tio parece aflito para que a visita acabe, e por fim há uma confusa despedida num corredor cheio de caixotes abertos pela metade e onde mal sobra lugar para uma pessoa se mexer.

Ao sair da casa, sabe que não deve olhar para trás, porque... Só sabe isso, mas sabe, e se retira rapidamente, com os olhos fixos no fundo da rua. Pouco a pouco começa a sentir-se mais aliviado. Quando chega em casa está tão exausto que deita logo, quase sem

se despir. Então sonha que está no Tigre e que passa o dia todo remando, com sua noiva, e comendo salsichas no parque Nuevo Toro.

### **Como vai, López?**

Um senhor encontra um amigo e o cumprimenta, estendendo-lhe a mão e inclinando um pouco a cabeça.

Isto é, acha que o cumprimenta, mas o cumprimento já foi inventado e este bom homem não faz mais do que repeti-lo.

Chove. Um senhor se refugia debaixo de uma arcada, Esses senhores quase nunca sabem que acabam de escorregar por um tobogã pré-fabricado desde a primeira chuva e desde a primeira arcada. Um úmido tobogã de folhas murchas. E os gestos de amor, esse doce museu, essa galeria de figuras de fumaça. Console-se a sua vaidade: a mão de Antônio procurou o que sua mão procura, e nem aquela nem a sua procuravam nada que já não tivesse sido encontrado desde a eternidade. Mas as coisas invisíveis precisam encarnar-se, as idéias caem no chão como pombas mortas.

O verdadeiramente novo assusta ou deslumbra. Essas tuas sensações, igualmente perto do estômago, acompanham sempre a presença de Prometeu; o resto é o conforto, o que sempre sai mais ou menos bem; os verbos ativos contêm o repertório completo.

Hamlet não duvida: procura a solução autêntica e não as portas da casa ou os caminhos já percorridos por mais atalhos e encruzilhadas que eles proponham. Quer a tangente que destrói o mistério, a quinta folha do trevo. Entre sim e não, que infinita rosa-dos-ventos. Os príncipes da Dinamarca, esses falcões que preferem morrer de fome a comer carne morta.

Quando os sapatos apertam, é bom sinal. Alguma coisa muda aí, alguma coisa que nos mostra, que surdamente nos põe, nos suscita. Por isso é que os monstros são populares e os jornais se extasiam

com os bezerros bicéfalos. Que oportunidade, que esboço de grande salto para a outra coisa! López vem chegando Como vai, López?

Como vai, cara?

E é assim como eles acham que estão se cumprimentando.

## **Geografias**

Demonstrando que as formigas são as verdadeiras rainhas da criação (o leitor pode tomá-lo como uma hipótese ou uma fantasia: de qualquer maneira lhe fará bem um pouco de antropofugismo), eis uma página de sua geografia: (P. 84 do livro; assinalam-se entre parênteses os possíveis equivalentes de determinadas expressões, segundo a clássica interpretação de Gaston Loeb.)

"...mares paralelos (rios?). A água infinita (um mar?) cresce em certos momentos como uma hera-hera-hera (idéia de uma parede muito alta, que expressaria a maré?). Se a gente vai-vai-vai-vai (noção análoga aplicada à distância) chega à Grande Sombra Verde (um campo semeado, um mato, um bosque?) onde o Grande Deus eleva o celeiro contínuo para suas Melhores Operárias. Nesta região abundam os Imensos Seres Horríveis (homens?) que destroem nossos caminhos. Do outro lado da Grande Sombra Verde começa o Céu Duro (uma montanha?). E tudo isso é nosso, mas com ameaças." Essa geografia foi objeto de uma outra interpretação (Dick Fry e Niels Peterson Jr.). O trecho corresponderia topograficamente a um pequeno jardim da Rua Laprida, 628, Buenos Aires. Os mares paralelos são dois pequenos canais de esgoto; a água infinita, um banho para patos; a Grande Sombra Verde, um canteiro de alface. Os Imensos Seres Horríveis insinuariam patos ou galinhas, embora não se deva descartar a possibilidade de que realmente se trate de homens. A respeito do Céu Duro desenvolve-se uma polêmica que não acabará tão cedo. A opinião de Fry e Peterson, que vêem nele uma parede de tijolos, opõe-a de Guillermo Sofovich, que presume um bidê abandonado entre as alfaces.

## **Progresso e retrocesso**

Inventaram um vidro que deixava passar as moscas. A mosca chegava, empurrava um pouco com a cabeça e pop, já estava do outro lado. Enorme, a alegria da mosca.

Tudo foi estragado por um sábio húngaro, quando descobriu que a mosca podia entrar mas não podia sair, ou vice-versa, por causa de quem sabe lá que besteira na flexibilidade das fibras daquele vidro que era muito fibroso. Em seguida inventaram o caça-moscas com um torrão de açúcar dentro, e muitas moscas morriam desesperadas. Assim acabou toda a confraternização possível com estes animais dignos de melhor sorte.

## **História verídica**

Um senhor deixa cair ao chão os óculos, que fazem um barulho terrível ao bater nos ladrilhos. O senhor se abaixa aflitíssimo porque as lentes dos óculos custam muito caro, mas descobre assombrado que por milagre elas não se quebraram.

Agora esse senhor sente-se profundamente grato, e compreende que o acontecimento vale por uma advertência amistosa, de maneira que se dirige a uma ótica e compra logo um estojo de couro acolchoado, com proteção dupla, como precaução. Uma hora depois deixa cair o estojo e ao abaixar-se sem maior preocupação verifica que os óculos viraram farelo. Esse senhor leva tempo para compreender que os desígnios da Providência são insondáveis e que na realidade o milagre aconteceu agora.

## **História de um urso mole**

Olha para essa bola de coltar que ressuma, esticando-se e crescendo pela juntura janela de duas árvores. Além das árvores há uma clareira e é ali que o coltar medita e programa seu ingresso na forma de bola, à forma bola e patas, à forma coltar pelas patas que depois o dicionário URSO.

Agora o coltar bola emerge úmido e mole, sacudindo formigas infinitas e redondas, vai jogando-as em cada pegada que se ordena harmoniosamente à

medida que caminha. Isto é, o coltar projeta uma pata urso sobre as agulhas de pinheiro, fende a terra lisa e ao soltar-se marca um chinelo em pedaços na frente e deixa nascente um formigueiro múltiplo e redondo, impregnado de coltar. Assim de cada lado do caminho, fundador de impérios simétricos, vai a forma pêlos patas aplicando uma construção para formigas redondas que ele sacode úmido. Finalmente sai o sol e o urso mole levanta uma cara transida e pueril para o sino de mel a que vagamente deseja. O coltar põe-se a cheirar com veemência, a bola cresce ao nível do dia, pêlos e patas somente coltar, pêlos patas coltar que sussurra um pedido e espreita a resposta, a profunda ressonância do sino lá em cima, o mel do céu em sua língua focinho, em sua alegria pêlos patas.

### **Tema para uma tapeçaria**

O general só tem oitenta homens e o inimigo cinco mil. Em sua tenda, o general blasfema e chora. Então escreve uma ordem do dia inspirada, que pomboscorreio espalham sobre o acampamento inimigo. Duzentos infantess passam-se para o general. Segue-se uma escaramuça que o general vence facilmente, e dois regimentos se passam para o seu lado. Três dias depois o inimigo tem somente oitenta homens e o general cinco mil. Então o general escreve outra ordem do dia e setenta e nove homens passam-se para o seu lado. Só resta um inimigo, cercado pelo exército do general que aguarda em silêncio. Transcorre a noite e o inimigo não passou para o seu lado. O general blasfema e chora em sua tenda. Ao amanhecer o inimigo desembainha lentamente a espada e avança em direção à

tenda do general. Entra e olha para ele. O exército do general se dispersa. Sai o sol.

### **Propriedades de um sofá**

Em casa de Jacinto há um sofá para morrer.

Quando a pessoa fica velha, um dia a convidam a sentar no sofá que é um sofá igual a todos mas tem uma estrelinha prateada no meio do encosto. A pessoa convidada suspira, mexe um pouco as mãos como se quisesse afastar o convite e depois senta no sofá, e morre.

Os meninos, sempre travessos, se divertem em enganar as visitas na ausência da mãe e as convidam para sentar no sofá. Como as visitas estão informadas mas sabem que não se pode falar nisso, olham para os meninos com grande confusão e se desculpam com palavras nunca usadas quando se fala com os meninos, fato que os deixa enormemente contentes. Afinal as visitas aproveitam qualquer pretexto para não se sentarem, porém mais tarde a mãe percebe o que aconteceu e na hora de deitar há surras tremendas. Nem por isso eles se emendam, de quando em quando conseguem enganar alguma visita inocente e as fazem sentar no sofá. Nesses casos os pais disfarçam, pois temem que os vizinhos possam tomar conhecimento das propriedades do sofá e o peçam emprestado para fazer sentar uma ou outra pessoa da família ou amiga. Entretanto, os meninos vão crescendo e chega o dia em que, sem saber por quê, deixam de se interessar pelo sofá e pelas visitas. Ao contrário, evitam entrar na sala, dão uma volta pelo pátio, e os pais que já estão muito velhos fecham a chave a porta da sala e olham para seus filhos com atenção como querendo ler-seu-pensamento. Os filhos desviam os olhos e dizem que já é hora de jantar ou de deitar-se. De manhã, o pai levanta primeiro e vai sempre olhar se a porta da sala continua fechada a chave, ou se algum dos filhos abriu-a para que da sala de jantar se veja o sofá, porque a estrelinha de prata brilha até na escuridão e se vê perfeitamente de qualquer parte da sala de jantar. **Sábio com buraco na memória**

Sábio eminente, história romana em vinte e três volumes, candidato certo ao prêmio Nobel, grande entusiasmo em seu país.

Consternação súbita: rato de biblioteca full-time lança grosseiro panfleto denunciando omissão. Caracala. Relativamente pouco

importante, de qualquer modo omissão. Admiradores estupefatos consultam a Pax Romana, que artista o mundo vai perder Varo devolve-me as legiões homem de todas as mulheres e mulher de todos os homens (cuidado com os Idos de março) o dinheiro não tem cheiro com este signo vencerás. Ausência indiscutível de Caracala, consternação, telefone desligado, sábio não pode atender o Rei Gustavo da Suécia mas esse rei nem pensa em chamá-lo, é

outro que disca e em vão disca o número praguejando numa língua morta.

### **Plano para um poema**

Que sea Roma la que faustina, que o vento faça ponta nos lápis de chumbo do escriba sentado, ou atrás de trepadeiras centenárias apareça escrita uma manhã

esta frase convincente: Não há trepadeiras centenárias, a botânica é uma ciência, para o inferno os inventores de imagens presumidas. E Marat em sua banheira. Também vejo a perseguição de um grilo por uma bandeja de prata, com a senhora Délia que aproxima suavemente uma mão semelhante a um substantivo e quando vai apanhá-lo o grilo está dentro do sal (então cruzaram a pé enxuto, e Faraó os amaldiçoava na margem) ou pula com o delicado mecanismo que da flor do trigo extrai a mão seca da torrada. Senhora Délia, senhora Délia, deixe esse grilo andar por pratos rasos.

Um dia ele cantará com tão terrível vingança que seus relógios de pêndulo se enforcarão em seus caixões de pé, ou a donzela dará à luz parda roupa branca um monograma vivo, que correrá pela casa repetindo suas iniciais como um tamborileiro. Senhora Délia, os convidados se impacientam porque faz frio. E

Marat em sua banheira.

Por fim que seja Buenos Aires num dia avançado e refilado, com trapos ao sol e todos os rádios do quarteirão vociferando ao mesmo tempo a cotação do mercado livre de girassóis. Por um girassol sobrenatural pagou-se em Liniers oitenta e oito pesos, e o girassol fez declarações infamantes ao Repórter Esso, um pouco por cansaço depois da recontagem de seus grãos; em parte porque seu destino ulterior não figurava no talão de vendas. A tardinha haverá uma concentração de forças vivas na Plaza de Mayo. As forças irão por diferentes ruas até se equilibrarem na pirâmide, e se perceberá que elas vivem graças a um sistema de reflexos instalado pela prefeitura. Ninguém duvida que os atos se realizarão com o máximo brilhantismo, o que provocou como é de supor uma extraordinária expectativa. Venderam-se tribunas especiais, irão o senhor cardeal, as pombas, os presos políticos, os motorneiros, os relojoeiros, as dádivas, as senhoras grávidas. E

Marat em sua banheira.

### **Camelo declarado indesejável**

Aceitam todos os pedidos de passagem de fronteira, mas Guk, camelo, inesperadamente declarado indesejável. Vai Guk à central de polícia onde lhe informam nada que fazer, volte para o oásis, declarado indesejável inútil tramitar pedido. Tristeza de Guk, retorno às terras da infância. E os camelos da família e os amigos rodeando-o e o que foi que aconteceu a você, e não é possível, por que precisamente você. Então, uma delegação ao Ministério de Trânsito, para apelar por Guk, com escândalo de funcionários de carreira: isto nunca se viu, voltem imediatamente para o oásis, vai-se abrir um inquérito.

Guk no oásis come capim um dia, outro dia. Todos os camelos passaram a fronteira, Guk continua esperando. Assim acaba o verão, o outono. Depois Guk de volta à cidade, parado numa praça vazia. Muito fotografado por turistas, respondendo aos repórteres. Vago prestígio de Guk na praça. Aproveitando procura sair, na porta tudo

muda: declarado indesejável. Guk baixa a cabeça, procura os capinzinhos da praça. Um dia o chamam pelo alto-falante e ele entra feliz na central. Ali é declarado indesejável. Guk volta para o oásis e se deita. Come um pouco de capim, e depois encosta o focinho na areia. Vai fechando os olhos enquanto o sol se põe. De seu nariz brota uma bolha que dura um segundo mais do que ele.

## **Discurso do urso**

Eu sou o urso dos canos da casa, subo pelos canos nas horas de silêncio, pelos tubos de água quente, do aquecimento, do ar-condicionado, vou pelos tubos de apartamento em apartamento, sou o urso que vai por todos os canos. Acho que gostam de mim porque meu pêlo conserva os condutos limpos, corro incessantemente pelos tubos e do que eu mais gosto é passar de andar em andar escorregando pelos canos. Às vezes puxo uma pata pela bica e a moça do terceiro andar berra que se queimou, ou grunho na altura do forro do segundo andar e a cozinheira Guillermina se queixa de que o gás anda ruim. De noite ando calado e é quando ando mais depressa, apareço no teto pela chaminé para ver se a lua está dançando lá em cima, e me deixo escorregar como o vento até as caldeiras do porão. E no verão nado à noite na cisterna salpicada de estrelas, lavo o rosto primeiro com uma mão, depois com as duas juntas, e isso me produz uma alegria muito grande.

Então escorrego por todos os canos da casa, grunhindo contente e os casais se agitam em seus leitos e reclamam contra a instalação dos encanamentos. Alguns acendem a luz e escrevem num papelzinho para lembrar-se de reclamar quando virem o porteiro. Eu procuro a bica que sempre fica aberta em algum andar, por ali meto o nariz e espio a escuridão dos quartos onde moram esses seres que não podem andar pelos canos, e fico com pena de vê-los tão desajeitados e grandes, de escutar como roncam e sonham em voz alta e estão tão sós. Quando eles lavam o rosto de manhã, eu lhes acaricio as faces, lambo-lhes o nariz e vou-me embora, vagamente convencido de ter feito um bem.

## Retrato do cassoar

A primeira coisa que faz o cassoar é olhar para a gente com uma altivez desconfiada. Limita-se a olhar sem se mexer, a olhar de maneira tão dura e contínua que é quase como se estivesse inventando, como se graças a um terrível esforço nos tirasse do nada que é o mundo dos cassoares e nos colocasse perante ele, no ato inexplicável de contemplá-lo.

Dessa dupla contemplação que talvez seja só uma e no fundo nenhuma, nascemos o cassoar e eu, situamo-nos, aprendemos a desconhecer-nos. Não sei se o cassoar me identifica e me inscreve no seu mundo simples; da minha parte não posso descrevê-lo, dedicar a sua presença um capítulo de gostos e desgostos. Sobretudo de desgostos, porque o cassoar é antipático e repulsivo. Imagine-se um avestruz com uma tampa de chaleira de chifre na cabeça, uma bicicleta amassada entre dois automóveis e que se amontoa em si mesma, uma decalcomania mal tirada e onde predominam um roxo sujo e uma espécie de crepitação. Agora o cassoar dá um passo à frente e adota um ar mais seco; é como um par de óculos cavalcando um pedantismo infinito. Mora na Austrália, o cassoar; é covarde e temível ao mesmo tempo; os guardas entram em sua jaula com altas botas de couro e um lança-chamas. Quando o cassoar pára de correr apavorado em redor do guisado de farelo que lhe servem e se precipita com saltos de camelo sobre o guarda, não há outro remédio senão abrir o lança-chamas. Então se vê o seguinte: o rio de fogo o envolve e o cassoar, com todas as penas em chamas, avança seus últimos passos enquanto prorrompe num guincho abominável. Mas seu chifre não se queima: a seca matéria de escamas que é seu orgulho e seu desprezo entra em fusão fria, acende-se num azul prodigioso, num escarlata que parece um punho esfolado e por fim acaba no verde mais transparente, na esmeralda, pedra da sombra e da esperança. O cassoar se desmancha, rápida nuvem de cinza, e o guarda corre ávido para apoderar-se da gema recém-nascida. O diretor do zoológico aproveita sempre esse

momento para instaurar-lhe um processo por maus-tratos aos animais e despedi-lo.

Que mais diremos do cassoar, depois desta dupla desgraça?

### **O esmagamento das gotas**

Eu não sei, olhe, é terrível como chove. Chove o tempo todo, lá fora fechado e cinza, aqui contra a sacada com gotões coalhados e duros que fazem plaf e se esmagam como bofetadas um atrás do outro, que tédio. Agora aparece a gotinha no alto da esquadria da janela, fica tremelicando contra o céu que esmigalha em mil brilhos apagados, vai crescendo e balouça, já vai cair e não cai, não cai ainda. Está segura com todas as unhas, não quer cair e se vê que ela se agarra com os dentes enquanto lhe cresce a barriga, já é uma gotona que pende majestosa e de repente zup, lá vai ela, plaf, desmanchada, nada, uma viscosidade no mármore. Mas há as que se suicidam e logo se entregam, brotam na esquadria e de lá

mesmo se jogam, parece-me ver a vibração do salto, suas perninhas desprendendo-se e o grito que as embriaga nesse nada do cair e aniquilar-se. Tristes gotas, redondas inocentes gotas. Adeus gotas. Adeus.

### **Fábula sem moral**

Um homem vendia gritos e palavras e ia bem, embora encontrasse muita gente que discutia os preços e pedia abatimento. O homem concordava quase sempre, e assim pôde vender muitos gritos de vendedores ambulantes, alguns suspiros que lhe foram comprados por senhoras pensionistas e palavras para lemas, slogans, lembretes e falsas ocorrências.

Afinal o homem percebeu que sua hora havia chegado e pediu audiência ao tiranete do país, que era parecido com todos os seus colegas e o recebeu cercado de generais e xícaras de café.

—Venho vender-lhe suas últimas palavras — disse o homem. — São muito importantes porque nunca lhe vão ocorrer no momento e em compensação lhe convém dizê-las no duro transe para configurar facilmente um destino histórico retrospectivo.

—Traduza o que ele está dizendo — ordenou o tiranete a seu intérprete.

— Ele fala argentino, Excelência.

—Argentino? E por que é que eu não entendo nada?

— O senhor entendeu muito bem — disse o homem. — Repito que venho para vender-lhe suas últimas palavras.

O tiranete pôs-se de pé como é de praxe nestas circunstâncias e reprimindo um tremor mandou que prendessem o homem e o metessem nos calabouços especiais que existem sempre nesses ambientes de governo.

—É uma pena — disse o homem enquanto o levavam. —Na realidade o senhor desejará pronunciar suas últimas palavras quando chegar o momento, e precisará dizê-las para configurar facilmente um destino histórico retrospectivo. O

que eu ia vender-lhe é o que o senhor quererá dizer, de modo que não há fraude. Mas como o senhor não aceita o negócio, como não vai aprender essas palavras por antecipação, quando chegar o momento em que elas quiserem brotar pela primeira vez, naturalmente o senhor não poderá dizê-las.

Por que não poderei dizê-las, se são as que eu quereirei dizer? — perguntou o tiranete, já diante de outra xícara de café.

Porque o medo não lhe permitirá — disse tristemente o homem. — Como o senhor estará com uma corda no pescoço, de camisa e tremendo de terror e frio, os dentes se entrechocarão e não

conseguirá articular uma palavra. O carrasco e os assistentes, entre os quais estará algum destes senhores, esperarão por decoro alguns minutos, mas quando brotar de sua boca somente um gemido entrecortado de soluços e súplicas de perdão (porque isso sim o senhor articulará sem esforço) ficarão impacientes e o enforçarão.

Muito indignados, os presentes e em especial os generais cercaram o tiranete para pedir-lhe que mandasse fuzilar imediatamente o homem. Mas o tiranete, que estava-pálido-como-a-mor-te, expulsou-os aos empurrões e trancou-se com o homem para comprar-lhe suas últimas palavras.

Enquanto isso, os generais e ministros, humilhadíssimos pelo tratamento recebido, prepararam uma insurreição e na manhã seguinte prenderam o tiranete quando ele comia uvas em seu caramanchão preferido. Para que ele não pudesse proferir suas últimas palavras, mataram-no ali mesmo, com um tiro. Depois, puseram-se a procurar o homem que desaparecera do palácio do governo, e não tardaram em encontrá-lo, pois perambulava no mercado, vendendo pregões aos saltimbancos. Metendo-o num carro da polícia, conduziram-no à fortaleza e torturaram-no para que revelasse quais poderiam ter sido as últimas palavras do tiranete. Como não conseguiram arrancar-lhe a confissão, mataram-no a pontapés. Os vendedores ambulantes que haviam comprado gritos continuaram apregoando-os pelas esquinas, e um desses gritos serviu depois como contra-senha da contra-revolução que acabou com os generais e os ministros. Alguns deles, antes de morrer, pensaram confusamente que na realidade tudo aquilo tinha sido uma infame corrente de equívocos, e que as palavras e os gritos eram coisas que, a rigor, se pode vender mas não comprar, embora pareça absurdo.

E todos foram apodrecendo, o tiranete, o homem e os generais e ministros, mas os gritos ressoavam de vez em quando pelas esquinas.

## **As linhas da mão**

De uma carta jogada em cima da mesa sai uma linha que corre pela tábua de pinho e desce por uma perna. Basta olhar bem para descobrir que a linha continua pelo assoalho, sobe pela parede, entra numa lâmina que reproduz um quadro de Boucher, desenha as costas de uma mulher reclinada num divã e afinal foge do quarto pelo teto e desce pelo fio do pára-raios até a rua. Ali é difícil segui-la por causa do trânsito, mas prestando atenção a veremos subir pela roda do ônibus estacionado na esquina e que vai até o porto. Lá ela desce pela meia de náilon da passageira mais loura, entra no território hostil das alfândegas, sobe e rasteja e ziguezagueia até o cais principal, e aí (mas é difícil enxergá-la, só os ratos a seguem para subir a bordo) alcança o navio de turbinas sonoras, corre pelas tábuas do convés de primeira classe, passa com dificuldade a escotilha maior, e numa cabine onde um homem triste bebe conhaque e ouve o apito da partida, sobe pela costura da calça, pelo jaleco, desliza até o cotovelo, e com um derradeiro esforço se insere na palma da mão direita, que nesse instante começa a fechar-se sobre a culatra de um revólver.

## **Histórias de Cronópios e de Famas**

### **Primeira e ainda incerta aparição dos cronópios,**

### **famas e esperanças**

### **Fase mitológica**

### **Costumes dos famas**

Aconteceu que um fama dançava trégua e dançava catala na frente de um armazém cheio de cronópios e esperanças. As mais irritadas eram as esperanças porque elas tratam sempre de que os famas não dancem trégua nem catala e sim espera, que é a dança que os cronópios e as esperanças conhecem. Os famas se colocam de propósito na frente dos armazéns, e desta vez o fama dançava

trégua e catala só para aborrecer as esperanças. Uma das esperanças depositou no chão seu peixe de flauta — pois as esperanças, como o Rei do Mar, estão sempre assistidas por peixes de flauta — e resolveu interpelar o fama, dizendo-lhe assim:

— Fama, não dance trégua nem catala defronte deste armazém. O fama continuava dançando e ria.

A esperança chamou outras esperanças, e os cronópios fizeram roda para ver o que ia acontecer.

— Fama — disseram as esperanças. —Não dance trégua nem catala na frente deste armazém.

Mas o fama dançava e ria, zombando das esperanças.

Então as esperanças se jogaram em cima do fama e bateram nele. Deixaram-no caído ao lado de uma estaca, e o fama se queixava, envolvido em seu sangue e em sua tristeza.

Os cronópios chegaram furtivamente, aqueles objetos verdes e úmidos. Cercavam o fama e o lastimavam, dizendo-lhe assim:

— Cronópio

cronópio

cronópio.

E o fama compreendia, e sua solidão era menos amarga.

### **A dança dos famas**

Os famas cantam em redor os famas cantam e se mexem

— CATALA TRÉGUA TRÉGUA ESPERA

Os famas dançam no quarto com lampiõezinhos e cortinas dançam e cantam dessa maneira

— CATALA TRÉGUA ESPERA TRÉGUA

Guardas das praças, como deixam sair os famas, como deixam que eles andem soltos cantando e dançando, cantando catala trégua trégua, dançando trégua espera trégua, como podem?

Se ainda os cronópios (esses verdes, eriçados, úmidos objetos) andassem pelas ruas, se poderia evitá-los com um cumprimento:

— Boas salenas cronópios cronópios.

Mas os famas.

### **Alegria do cronópio**

Encontro de um cronópio e de um fama na liquidação da loja La Mondiale. Boa tarde, fama. Trégua catala espera.

Cronópio cronópio?

Cronópio cronópio.

Linha?

Duas, mas uma azul.

O fama respeita o cronópio. Nunca falará se não souber que suas palavras são as convenientes, temeroso de que as esperanças sempre alertas, esses micróbios resplandecentes, não deslizem no ar, e por uma palavra errada possam invadir o bondoso coração do cronópio.

Chove lá fora — diz o cronópio. — Céu abaixo.

Não se preocupe — diz o fama. — Iremos no meu automóvel. Para proteger as linhas.

E olha para o ar, mas não enxerga nenhuma esperança, e suspira satisfeito. Além do mais, agrada-lhe observar a alegria comovente do cronópio, que segura contra o peito as duas linhas — uma azul — e espera ansioso que o fama o convide a subir no seu automóvel.

### **Tristeza do cronópio**

Na saída do Luna Park um cronópio percebe

que seu relógio atrasa, que seu relógio atrasa, que seu relógio. Tristeza de cronópio diante de uma multidão de famas que sobe Corrientes às onze e vinte e ele, objeto verde e úmido, caminha às onze e um quarto. Meditação do cronópio: "E tarde, mas menos tarde para mim do que para os famas, para os famas é cinco minutos mais tarde, chegarão a suas casas mais tarde, se deitarão mais tarde.

Eu tenho um relógio com menos vida, com menos casa e menos deitar-me, eu sou um cronópio infeliz e úmido."

Enquanto toma café no Richmond da Rua Florida, o cronópio molha uma torrada com suas lágrimas naturais.

### **Viagens**

Quando os famas saem em viagem, seus costumes ao pernoitarem numa cidade são os seguintes: um fama vai ao hotel e indaga cautelosamente os preços, a qualidade dos lençóis e a cor dos tapetes. O segundo se dirige à delegacia e lavra uma ata declarando os móveis e imóveis dos três, assim como o inventário do conteúdo de suas malas. O terceiro fama vai ao hospital e copia as listas dos médicos de plantão e suas especializações.

Terminadas estas providências, os viajantes se reúnem na praça principal da cidade, comunicam-se suas observações e entram no café para beber um aperitivo. Mas antes eles se seguram pelas mãos e dançam em roda. Esta dança recebe o nome de Alegria dos famas.

Quando os cronópios saem em viagem, encontram os hotéis cheios, os trens já partiram, chove a cântaros e os táxis não querem levá-los ou lhes cobram preços altíssimos. Os cronópios não desanimam porque acreditam piamente que estas coisas acontecem a todo mundo, e na hora de dormir dizem uns aos outros:

"Que bela cidade, que belíssima cidade." E sonham a noite toda que na cidade há

grandes festas e que eles foram convidados. E no dia seguinte levantam contentíssimos, e é assim que os cronópios viajam.

As esperanças, sedentárias, deixam-se viajar pelas coisas e pelos homens, e são como as estátuas, que é preciso vê-las, porque elas não vêm até nós.

### **Conservação das lembranças**

Os famas para conservar suas lembranças tratam de embalsamá-las da seguinte forma: após fixada a lembrança com cabelos e sinais, embrulham-na da cabeça aos pés num lençol preto e a colocam contra a parede da sala, com um cartãozinho que diz: "Excursão a Quilmes", ou "Frank Sinatra". Os cronópios, em compensação, esses seres desordenados e frouxos, deixam as lembranças soltas pela casa, entre gritos alegres, e andam no meio delas e quando passa alguma correndo, acariciam-na com suavidade e lhe dizem: "Não vá

se machucar", e também "Cuidado com os degraus." É por isso que as casas dos famas são arrumadas e silenciosas, enquanto nas dos cronópios há uma grande agitação e portas que batem. Os vizinhos sempre se queixam dos cronópios, enquanto os famas mexem a

cabeça compreensivamente e vão ver se os cartõezinhos estão todos no lugar.

## **Relógios**

Um fama tinha um relógio de parede e dava-lhe corda todas as semanas COM GRANDE CUIDADO. Passou um cronópio e ao vê-lo pôs-se a rir, foi para casa e inventou o relógio-alcachofa ou alcaucil<sup>1</sup>, que pode e deve dizer-se de uma e outra maneira.

O relógio-alcaucil deste cronópio é um alcaucil da espécie grande, preso pelo caule a um buraco da parede. As incontáveis folhas do alcaucil marcam a hora atual e além do mais todas as horas, de maneira que basta o cronópio arrancar-lhe uma folha para saber a hora. Como ele as vai arrancando da esquerda para a direita, a folha marca sempre a hora exata, e cada dia o cronópio começa a tirar uma nova rodada de folhas. Ao chegar ao coração, o tempo já não se pode medir, e na infinita rosa roxa do centro o cronópio encontra um grande prazer, então come-a com azeite, vinagre e sal, e põe outro relógio no buraco.

## **O almoço**

Com muito trabalho um cronópio conseguiu construir um termómetro de vidas. Alguma coisa entre termómetro e topómetro, entre fichário e curriculum vitae.

Por exemplo, o cronópio recebia em sua casa um fama, uma esperança e um professor de línguas. Aplicando suas descobertas, estabeleceu que o fama era infravida, a esperança paravida e o professor de línguas intervvida. Enquanto a ele próprio, considerava-se ligeiramente supervida, mais por poesia que por verdade. <sup>1</sup> Usam-se em espanhol indistintamente as duas formas: alcachofa ou alcaucil. (N. da T.)

Na hora do almoço esse cronópio se divertia ouvindo os seus convidados falarem, porque todos achavam que estavam se

referindo às mesmas coisas e não era assim. A intervida manejava abstrações tais como espírito e consciência, que a paravida ouvia como quem ouve chover — tarefa delicada. É evidente que a infravida pedia a todo momento queijo ralado, e a supervida trinchava o frango em quarenta e dois movimentos, método Stanley Fitzsimmons. Na sobremesa, as vidas se cumprimentavam e iam às suas ocupações, e na mesa ficavam apenas pedacinhos soltos da morte.

## **Comércio**

Os famas instalaram uma fábrica de mangueiras e contrataram numerosos cronópios para o enrolamento e o depósito. Mal os cronópios chegaram ao local, tiveram uma enorme alegria. Havia mangueiras verdes, vermelhas, azuis, amarelas e roxas. Eram transparentes e ao experimentá-las se via correr a água com todas suas borbulhas e às vezes um inseto espantado. Os cronópios começaram a dar grandes gritos e queriam dançar tréguia e dançar catala em vez de trabalhar. Os famas se enfureceram e logo aplicaram os artigos 21, 22 e 23 do regulamento interno. A fim de evitar a repetição de tais fatos.

Como os famas são muito descuidados, os cronópios esperaram circunstâncias favoráveis e carregaram muitas e muitas mangueiras no caminhão. Quando encontravam uma menina, cortavam um pedaço de mangueira azul e lhe davam de presente para que ela pudesse pular mangueira. Assim, em todas as esquinas viram-se nascer belíssimas borbulhas azuis transparentes, com uma menina dentro que parecia um esquilo na jaula. Os pais da menina desejavam tirarlhe a mangueira para regar o jardim, mas se soube que os astuciosos cronópios as haviam furado de forma que a água se desmanchava dentro delas e não servia para nada. No fim os pais da menina desistiam e a menina ia à esquina e pulava e pulava. Com as mangueiras amarelas os cronópios enfeitaram diversos monumentos, e com as mangueiras verdes espalharam armadilhas à moda africana em pleno roseiral, para ver como as esperanças caíam

uma por uma. Os cronópios dançavam trégua e dançavam catala em redor das esperanças caídas, e elas lhes censuravam a ação dizendo assim:

— Cruéis cronópios cruentos. Cruéis!

Os cronópios, que não desejavam mal algum às esperanças, as ajudavam a levantar e lhes presenteavam pedaços de mangueira vermelha. Dessa maneira, as esperanças puderam ir às suas casas e cumprir o mais veemente de seus desejos: regar os jardins verdes com mangueiras vermelhas.

Os famas fecharam a fábrica e ofereceram um banquete cheio de discursos fúnebres e criados que serviam peixe em meio a grandes suspiros. E não convidaram nenhum cronópio, convidaram só as esperanças que não tinham caído nas armadilhas do roseiral, porque as outras ficaram com pedaços de mangueira e os famas estavam zangados com essas esperanças.

## **Filantropia**

Os famas são capazes de gestos de grande generosidade, como por exemplo quando esse fama encontra uma pobre esperança caída ao pé de um coqueiro, e pondo-a em seu automóvel a leva para sua casa e se ocupa de alimentá-la e oferecer-lhe distração até que a esperança ganhe forças e se atreva a subir outra vez no coqueiro. O fama se acha muito bom depois deste gesto, e na realidade é muito bom, só que não lhe ocorre pensar que daí a poucos dias a esperança vai cair outra vez do coqueiro. Então, enquanto a esperança está novamente caída ao pé do coqueiro, esse fama no seu clube se acha muito bom e pensa na maneira como ajudou a pobre esperança quando a encontrou tombada.

Os cronópios não são generosos por princípio. Passam ao largo das coisas mais comoventes, como seja uma pobre esperança que não sabe amarrar os cordões dos sapatos e geme, sentada na beira da calçada. Esses cronópios nem olham para a esperança,

ocupadíssimos que estão em seguir com os olhos uma baba do diabo. Com seres como esses não se pode praticar a caridade de modo coerente; por isso nas sociedades filantrópicas as autoridades são todas famas e a bibliotecária é uma esperança. Dos seus cargos, os famas ajudam muito os cronópios, que nem ligam.

## **O canto dos cronópios**

Quando os cronópios cantam suas canções preferidas, ficam de tal maneira entusiasmados que freqüentemente se deixam atropelar por caminhões e ciclistas, caem da janela e perdem o que tinham nos bolsos e até a conta dos dias. Quando um cronópio canta, as esperanças e os famas acorrem a ouvi-lo embora não compreendam muito seu arrebatamento e em geral se mostrem um tanto escandalizados. No meio da roda o cronópio suspende seus bracinhos como se segurasse o sol, como se o céu fosse uma bandeja e o sol a cabeça do Batista, de forma que a canção do cronópio é Salomé nua dançando para os famas e as esperanças que ali estão boquiabertos e perguntando-se se o senhor padre, se as conveniências. Mas como no fundo são bons (os famas são bons e as esperanças bobas) acabam aplaudindo o cronópio, que se recupera sobressaltado, olha em redor e começa também a aplaudir, coitadinho.

## **História**

Um cronópio pequenininho procurava a chave da porta da rua na mesa-decabeceira, a mesa-de-cabeceira no quarto de dormir, o quarto de dormir na casa, a casa na rua. Por aqui parava o cronópio, pois para sair à rua precisava da chave da porta.

## **A colherada estreita**

Um fama descobriu que a virtude era um micróbio redondo e cheio de patas. Instantaneamente deu a beber a sua sogra uma grande colherada de virtude. O resultado foi horrível: esta senhora renunciou a seus comentários mordazes, fundou um clube para a

proteção de alpinistas perdidos e em menos de dois meses se comportou de maneira tão exemplar que os defeitos de sua filha, inadvertidos até

então, passaram ao primeiro plano para grande sobressalto e assombro do fama. Não teve outro remédio senão dar uma colherada de virtude a sua mulher, que o abandonou nessa mesma noite por achá-lo grosseiro, insignificante e completamente diferente dos padrões morais que flutuavam rutilando perante seus olhos.

O fama refletiu largamente e afinal tomou ele próprio um frasco de virtude. Mas continuou da mesma maneira vivendo só e triste. Quando cruza na rua com a sogra ou a mulher, se cumprimentam respeitosamente e de longe. Não ousam sequer se falar, tamanha é a sua perfeição respectiva e o medo que têm de contaminar-se.

### **A foto saiu fora de foco**

Um cronópio vai abrir a porta da rua e ao enfiar a mão no bolso para pegar a chave o que tira é uma caixa de fósforos; então este cronópio fica muito aflito e começa a pensar que se em vez da chave ele encontra os fósforos, seria terrível que o mundo se houvesse deslocado de repente, e então se os fósforos estão no lugar da chave, pode acontecer que ele ache a carteira de dinheiro cheia de fósforos, e o açucareiro cheio de dinheiro, e o piano cheio de açúcar, e o catálogo do telefone cheio de música, e o armário cheio de assinantes, e a cama cheia de roupas, e as jarras cheias de lençóis, e os bondes cheios de rosas, e os campos cheios de bondes. Assim este cronópio fica horrivelmente aflito e corre para se olhar no espelho, mas como o espelho está um pouco de lado, o que ele enxerga é o porta-guarda-chuvas do vestíbulo, e suas desconfianças se confirmam e ele desata a soluçar, cai de joelhos e junta suas mãozinhas nem sabe para quê. Os famas vizinhos acodem para consolá-lo, e também as esperanças, mas passa-se muito tempo antes de que o cronópio saia de seu desespero e aceite uma xícara de chá, que olha e examina muito antes de beber, não vá acontecer

que em lugar de uma xícara de chá seja um formigueiro ou um livro de Samuel Smiles.

## **Eugenesia**

Acontece que os cronópios não querem ter filhos, porque a primeira coisa que um cronópio recém-nascido faz é insultar estupidamente seu pai, em quem percebe sombriamente a acumulação de desventuras que um dia serão as suas. Em vista de tais razões, os cronópios acodem aos famas para que estes lhes fecundem as mulheres, coisa que os famas estão sempre dispostos a fazer por se tratar de seres libidinosos. Além do mais eles acham que desta forma irão minando a superioridade moral dos cronópios, mas se enganam redondamente, pois os cronópios educam os filhos à sua maneira, e em poucas semanas lhes tiram qualquer semelhança com os famas.

## **Sua fé nas ciências**

Uma esperança acreditava nos tipos fisionômicos, tais como os de nariz achatado, os de cara de peixe, os de cara grande tomada de ar, os amarelados e os sobranceiros, os de cara intelectual, os de estilo cabeleireiro etc. Disposto a classificar definitivamente esses grupos, começou a fazer grandes listas de conhecidos e os dividiu nos grupos acima mencionados. Tomou então o primeiro grupo, integrado por oito rapazes de nariz achatado e percebeu com surpresa que na realidade eles se subdividiam em três grupos, isto é: os de nariz achatado bigodudos, os de tipo boxeador, os estilo contínuo de ministério, compostos respectivamente por 3, 3 e 2 narizes achatados. Apenas os separou em seus novos grupos (no Café Paulista da rua San Martin, onde os reunira com grande trabalho e não pouco mazagrán<sup>1</sup> bem gelado) percebeu que o primeiro subgrupo não era igual, porque os dois bigodudos de nariz achatado pertenciam ao tipo capivara, enquanto o restante era com toda certeza um nariz achatado de corte japonês. Afastando-o com a ajuda de um bom sanduíche de enchova e ovo cozido, organizou o

subgrupo dos dois capivaras, e se dispunha a inscrevê-lo em seu caderno de trabalhos científicos quando um dos capivaras olhou para um lado e o outro capivara olhou para o lado oposto, em consequência do que a esperança e os demais candidatos puderam perceber que, enquanto o primeiro capivara era evidentemente um nariz achatado braquicéfalo, o outro possuía um crânio muito mais apropriado para pendurar um chapéu do que para encaixá-lo. Assim foi que se dissolveu o subgrupo, e do resto nem é bom falar porque os demais sujeitos haviam passado do mazagrán à cachaça queimada, e a essa altura dos acontecimentos a única semelhança entre eles era o firme propósito de continuarem bebendo à custa da esperança.

1 Bebida preparada com café, água e açúcar, que se consome principalmente na Espanha e em algumas cidades do interior da Argentina. (N. da T.)

### **Inconvenientes nos serviços públicos**

Veja o que acontece quando se confia nos cronópios. Mal fora nomeado Diretor-geral de Radiodifusão, aquele cronópio chamou uns tradutores da rua San Martin e os fez traduzir todos os textos, anúncios e canções para o romeno, língua não muito popular na Argentina.

Às oito horas da manhã os famas começavam a ligar seus aparelhos, ansiosos de ouvir os jornais falados, bem como os anúncios do Geniol e do Azeite Cozinheiro que é de todos o primeiro.

E ouviram, mas em romeno, de modo que só compreendiam a marca do produto. Profundamente assombrados, os famas sacudiram os aparelhos mas tudo continuava romeno, até o tango Esta noche me emborracho e o telefone da Direção-geral da Radiodifusão era atendido por uma moça que respondia em romeno às ruidosas reclamações, com o que se estabelecia uma confusão dos diabos.

Ciente do fato, o Supremo Governo mandou fuzilar o cronópio que assim manchava as tradições da pátria. Por infelicidade o pelotão era integrado de cronópios alistados, que em vez de atirar no ex-Diretor-geral mandaram bala em cima da multidão concentrada na Plaza de Mayo, com tão boa pontaria que acertaram seis oficiais de Marinha e um farmacêutico. Acudiu um pelotão de famas, o cronópio foi devidamente fuzilado e nomearam para seu lugar um distinto autor de canções folclóricas e de um ensaio sobre a matéria cinzenta. Esse fama restabeleceu o idioma nacional no rádio, mas acontece que os famas haviam perdido a confiança e quase não ligavam os aparelhos. Muitos famas, pessimistas por natureza, haviam comprado dicionários e manuais de romeno, assim como também vidas do rei Carol e da senhora Lupescu. O romeno tornou-se moda apesar da cólera do Superior Governo, e ao túmulo do cronópio chegavam furtivamente delegações que deixavam cair lágrimas e cartões de visita, onde proliferavam nomes conhecidos em Bucareste, cidade de filatelistas e atentados. **Faça como se estivesse em sua casa**

Uma esperança construiu uma casa e colocou-lhe um azulejo que dizia: Bem-vindos os que chegam a este lar.

Um fama construiu uma casa e não colocou azulejo nenhum. Um cronópio construiu uma casa e seguindo o hábito colocou no vestíbulo diversos azulejos que comprou ou mandou fabricar. Os azulejos eram dispostos de maneira a que se pudesse lê-los em ordem. O primeiro dizia: Bem-vindos os que chegam a este lar, O segundo dizia: A casa é pequena mas o coração é grande. O

terceiro dizia: A presença do hóspede é suave como a relva. O quarto dizia: Somos pobres de verdade, mas não de vontade. O quinto dizia: Este cartaz anula todos os anteriores. Se manda, cachorro.

## **Terapias**

Um cronópio se forma em Medicina e abre um consultório na rua Santiago del Estero. Logo chega um doente e conta como há coisas que doem e como de noite não dorme e de dia não come.

— Compre um buquê grande de rosas — diz o cronópio.

O doente se retira surpreso, mas compra o buquê e fica bom instantaneamente. Cheio de gratidão corre para o cronópio e além de pagar a consulta, lhe dá de presente, fino testemunho, um belo buquê de rosas. Apenas ele sai, o cronópio cai doente, sente dores por todos os lados, de noite não dorme e de dia não come.

### **O particular e o universal**

Um cronópio ia escovar os dentes junto ao seu terraço, e possuído de imensa alegria ao ver o sol da manhã e as maravilhosas nuvens que corriam no céu, apertou demais o tubo do dentifrício e este começou a sair em forma de uma longa fita rósea. Após cobrir sua escova com uma verdadeira montanha de pasta, o cronópio percebeu que ainda sobrava uma grande quantidade, então começou a sacudir o tubo na janela e os pedaços de pasta cor-de-rosa caíam do terraço para a rua, onde vários famas estavam reunidos para comentar as novidades municipais. Os pedaços de pasta cor-de-rosa caíam nos chapéus dos famas, enquanto lá em cima o cronópio cantava e esfregava os dentes cheio de contentamento. Os famas ficaram indignados diante daquela incrível inconsciência do cronópio e resolveram nomear uma delegação que o interpelasse imediatamente. A delegação integrada por três famas subiu à casa do cronópio e o interpelou, dizendo-lhe assim:

— Cronópio, você estragou os nossos chapéus, pelo que terá de pagar.

E depois, com mais força ainda:

— Cronópio, você não devia desperdiçar assim a pasta de dentes!

## **Os exploradores**

Três cronópios e um fama se associam espeleologicamente para descobrir as fontes subterrâneas de um manancial. Chegados à boca da caverna, um cronópio desce sustentado pelos outros, levando nas costas um embrulho com seus sanduíches preferidos (de queijo). Os dois cronópios-cabrestante o deixam descer pouco a pouco, e o fama escreve num caderno grande os detalhes da expedição. Logo chega a primeira mensagem do cronópio: enfurecido porque se enganaram e puseram sanduíches de presunto. Agita a corda e exige que o suspendam. Os cronópios-cabrestante se consultam aflitos, e o fama se ergue em toda a sua terrível estatura e diz: NÃO; com uma violência tal que os cronópios soltam a corda e correm a acalmá-lo. Nisso estão quando chega outra mensagem, porque o cronópio caiu justamente sobre as fontes do manancial, e dali comunica que tudo vai mal, e entre injúrias e lágrimas informa que os sanduíches são todos de presunto, que por mais que ele olhe e olhe, entre os sanduíches de presunto não há um só de queijo.

### **Educação de príncipe**

Os cronópios quase nunca têm filhos, mas quando os têm perdem a cabeça e acontecem coisas extraordinárias. Por exemplo, um cronópio tem um filho e logo o invade o deslumbramento, está certo de que seu filho é o pára-raios da beleza e que por suas veias corre a química completa, com, aqui e ali, ilhas cheias de belas artes e poesia e urbanismo. Então esse cronópio não pode ver seu filho sem se inclinar profundamente diante dele e dizer-lhe palavras de respeitosa homenagem. O filho, como é natural, odeia-o cuidadosamente. Quando chega à idade escolar, seu pai o matricula no primeiro ano e o menino fica satisfeito entre outros pequenos cronópios, famas e esperanças. Mas vai piorando à medida que o meiodia se aproxima, porque sabe que seu pai o estará esperando na hora da saída, e que ao vê-lo levantará os braços e dirá diversas coisas, tais como:

— Boas salenas cronópio cronópio, o mais bonzinho e mais crescido e mais gordinho e mais arrumado e mais respeitoso e mais aplicado dos filhos!

Com o que os famas e as esperanças-juniores se dobram de tanto rir na beira da calçada, e o pequeno cronópio odeia obstinadamente seu pai e acabará

sempre por pregar-lhe uma peça entre a primeira comunhão e o serviço militar. Mas os cronópios não sofrem demais por causa disso, porque também eles odiavam os pais, e até parece que esse ódio é o outro nome da liberdade ou do vasto mundo.

### **Cole o selo no ângulo superior direito do**

#### **envelope**

Um fama e um cronópio são muito amigos e vão juntos até o correio para mandar umas cartas às mulheres que estão viajando pela Noruega graças aos bons ofícios de Thos. Cook & Son. O fama cola seus selos cuidadosamente, dando-lhes pancadinhas para que colem bem, mas o cronópio lança um grito terrível sobressaltando os empregados, e declara com imensa cólera que os desenhos dos selos são de um horrendo mau gosto, que jamais poderão obrigá-lo a prostituir suas cartas de amor conjugai com semelhantes abominações. O fama se sente muito sem jeito porque já colou seus selos, mas como é muito amigo do cronópio gostaria de solidarizar-se com ele e conclui que de fato a vista do selo de vinte centavos é bem mais vulgar e repetida, mas que a de um peso tem uma cor borra de vinho de boa qualidade. Nada disso acalma o cronópio, que agita sua carta e apostrofa os empregados que o contemplam estupefatos. O chefe dos correios acode, e apenas vinte segundos mais tarde o cronópio está na rua, com a carta na mão e uma grande preocupação. O fama, que colocou discretamente a sua carta na caixa do correio, trata de consolá-lo, dizendo:

— Felizmente as nossas mulheres viajam juntas e anunciei na minha carta que você estava bem, de modo que sua senhora ficará sabendo pela minha.

## **Telegramas**

Uma esperança trocou com sua irmã os seguintes telegramas, de Ramos Mejía a Viedma:

VOCÊ ESQUECEU AMARELO CANÁRIO. IDIOTA. INÊS. IDIOTA  
VOCÊ. TENHO SOBRESSALENTE. EMMA.

Três telegramas de cronópios:

INESPERADAMENTE ENGANADO DE TREM EM VEZ 7.21  
PEGUEI 8.24 ESTOU EM TERRA ESTRANHA. HOMENS SINISTROS  
CONTAM SELOS. LUGAR EXTREMAMENTE LÚGUBRE. NÃO  
ACREDITO APROVEM TELEGRAMA. PROVAVELMENTE FICAREI  
DOENTE. FALEI QUE DEVIA TRAZER SACO ÁGUA QUENTE. MUITO  
DEPRIMIDO ME SENTO DEGRAU ESPERAR TREM VOLTA. ARTURO.  
NÃO. QUATRO PESOS E SESSENTA OU NADA. SE DEIXAREM  
POR MENOS, COMPRE DOIS PARES, UM LISO E OUTRO LISTRADO.  
ENCONTREI TIA ESTER CHORANDO, TARTARUGA DOENTE.  
RAIZ VENENOSA, PARECE, OU QUEIJO MÁS CONDIÇÕES.  
TARTARUGAS ANIMAIS DELICADOS. MEIO BOBOS, NÃO  
DISTINGUEM. UMA PENA.

## **Suas histórias naturais**

### **LEÃO E CRONÓPIO**

Um cronópio que anda pelo deserto encontra um leão e tem com ele o seguinte diálogo:

Leão — Vou comer você.

Cronópio — (aflitíssimo mas com dignidade) — Está bem.

Leão — Ah, assim não. Nada de mártires para cima de mim. Comece a chorar ou resista, das duas uma. Assim eu não posso comer você. Vamos, estou esperando. Você não diz nada?

O cronópio não fala nada e o leão está perplexo, até que tem uma idéia. Leão — Ainda bem que eu tenho um espinho na pata esquerda que me incomoda muito. Arranque-o e eu o perdoarei.

O cronópio arranca o espinho e o leão vai embora, rugindo de má vontade.

— Obrigado, Ândrocles.

### **CONDOR E CRONÓPIO**

Um condor cai como um raio em cima de um cronópio que está passeando por Tinogasta, encurrala-o contra uma parede de granito e lhe diz com grande petulância o seguinte:

Condor — Atreva-se a afirmar que eu não sou bonito.

Cronópio — O senhor é o pássaro mais bonito que eu já vi. Condor — Mais ainda.

Cronópio — O senhor é mais belo do que a ave-do-paraíso. Condor — Atreva-se a dizer que eu não vôo alto.

Cronópio — O senhor voa a alturas vertiginosas e é inteiramente supersônico e estratosférico.

Condor — Atreva-se dizer que eu cheiro mal.

Cronópio — O senhor cheira melhor do que um litro inteiro de água-decolônia Jean-Marie Farina. Condor — Sujeito de merda. Não me deixa nem uma chance para eu lhe dar uma bicada.

## **FLOR E CRONÓPIO**

Um cronópio encontra uma flor solitária no meio dos campos. Primeiro pensa em arrancá-la, mas percebe que é uma crueldade inútil, e se coloca de joelhos junto dela e brinca alegremente com a flor, isto é: acaricia-lhe as pétalas, sopra para que ela dance, zumbe feito uma abelha, cheira seu perfume, e deita finalmente debaixo da flor envolvido em uma enorme paz. A flor pensa: "É como uma flor."

## **FAMA E EUCALIPTO**



Um fama anda pelo bosque e embora não precise de lenha olha ambiciosamente para as árvores. As árvores sentem um medo terrível porque conhecem os hábitos dos famas e temem o pior. Entre elas há um belo eucalipto, e o fama ao vê-lo dá um grito de alegria e dança trégua e dança catala em torno do perturbado eucalipto, dizendo assim:

— Folhas anti-sépticas, inverno com saúde, grande higiene. Puxa um machado e bate no estômago do eucalipto sem se importar com

nada. O eucalipto geme, mortalmente ferido, e as outras árvores escutam o que ele diz entre suspiros:

—Pensar que este imbecil não precisava mais do que comprar umas pastilhas Valda.

## **TARTARUGAS E CRONÓPIOS**

Agora acontece que as tartarugas são grandes admiradoras da velocidade, como é natural.

As esperanças sabem disso e não ligam.

Os famas sabem e caçoam.

Os cronópios sabem e cada vez que encontram uma tartaruga, puxam a caixa de giz colorido e na lousa redonda da tartaruga desenham uma andorinha.